

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA FLORESTAL**

YSABELLY RODRIGUES OLIVEIRA

**IDENTIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS FÍSICOS, BIÓTICOS E SOCIOCULTURAIS
DO PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA - SE**

**SÃO CRISTÓVÃO - SE
2025**

YSABELLY RODRIGUES OLIVEIRA

IDENTIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS FÍSICOS, BIÓTICOS E SOCIOCULTURAIS DO
PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA - SE

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Florestais da Universidade Federal de
Sergipe (UFS), em cumprimento parcial
das exigências para a obtenção do título
de Bacharel em Engenharia Florestal.

Orientadora: Prof^ª Dr. Laura Jane Gomes

SÃO CRISTÓVÃO - SE
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS APLICADAS – CCAA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS FLORESTAIS – DCF

YSABELLY RODRIGUES OLIVEIRA

**IDENTIFICAÇÃO DOS ATRIBUTOS FÍSICOS, BIÓTICOS E SOCIOCULTURAIS DO
PARQUE NACIONAL SERRA DE ITABAIANA - SE**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Departamento de Ciências
Florestais da Universidade Federal de
Sergipe (UFS), em cumprimento parcial
das exigências para a obtenção do título
de Bacharel em Engenharia Florestal.

Trabalho defendido e aprovado em 19 de agosto de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br LAURA JANE GOMES
Data: 04/09/2025 18:42:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Laura Jane Gomes (Orientadora)

Documento assinado digitalmente
gov.br CLEVERTON DA SILVA
Data: 04/09/2025 08:28:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Cleverton da Silva (Membro externo)

Documento assinado digitalmente
gov.br ELIAS JOSE DA SILVA
Data: 04/09/2025 07:06:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Elias José da Silva (Membro externo)

Oliveira, Ysabelly Rodrigues.

Identificação dos atributos físicos, bióticos e socioculturais do Parque Nacional Serra de Itabaiana - SE / Ysabelly Rodrigues Oliveira; orientadora Laura Jane Gomes. – São Cristóvão, 2025.
82 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Florestal) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Unidades de Conservação. 2. Atributos. 3. Uso Público. 4. PARNASI. I. Gomes, Laura Jane, orient. II. Parque Nacional Serra de Itabaiana. III. Título.

Dedico este trabalho a Deus, que me guiou em cada etapa do curso, a minha família e amigos, minha eterna gratidão por todo o apoio ao decorrer do curso e na vida. Em especial à minha mãe Tatiane Santos e ao meu pai Valdir Meneses.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ser meu sustento em todos os momentos. Por me dar forças nos momentos difíceis, sabedoria nas decisões e serenidade para seguir até aqui.

Aos meus pais, Tatiane e Valdir, que são minha base, meu alicerce e maior inspiração. Obrigada pelo amor incondicional, apoio constante, pelos conselhos sensatos, pelo esforço e paciência em todos os momentos. Tudo que conquistei até aqui é reflexo da educação e dos valores que vocês me ensinaram.

Estendo meus agradecimentos à minha família, que mesmo diante das minhas ausências, compreendeu os momentos de silêncio, respeitou meu tempo e me ofereceu apoio em gestos e palavras que, muitas vezes, foram fundamentais para que eu seguisse em frente.

À minha melhor amiga, Laryssa, minha gratidão mais sincera. Obrigada por estar presente em todos os momentos, bons e ruins, pelas palavras de apoio, escuta atenta, ombro amigo e muitos incentivos, por me acolher nas angústias e vibrar comigo nas pequenas vitórias. Sua presença foi essencial para que eu não me deixasse abater pela pressão e pela ansiedade. Sua amizade é um dos maiores presentes que a vida me deu.

Agradeço também à Daniele, que gentilmente se dispôs a ler este trabalho com atenção e me ajudou com suas observações. Sua contribuição foi muito valiosa. À minha querida amiga de curso, Iasmim, obrigada pela parceria, pelas trocas sinceras, pelas ideias compartilhadas e pela ajuda no desenvolvimento deste trabalho com sua grande generosidade. Agradeço também as minhas outras duas amigas de curso, Isadora e Luanda, por todo companheirismo e apoio durante os anos de graduação.

Não poderia deixar de agradecer, com minha imensa gratidão, aos meus amigos Jaqueline, Joseane, Roseane, Anderson, Madson, Anthony, Adrielly, João Castro, Luzia, Júlio Cesar, Rodolfo, Paulo, Camilly e Gabriela. Vocês foram meu alívio em meio ao cansaço. Obrigada por cada conversa leve, pelas palavras de incentivo, por cada momento de descontração, por me fazerem rir nos momentos mais tensos, por me apoiarem sempre que precisei parar para respirar. A amizade de vocês tornou esse percurso mais leve e muito mais bonito.

À minha orientadora, professora Laura Jane, expresso meu profundo respeito e gratidão por toda a orientação, paciência e confiança. Obrigada pela escuta atenta, pelas

orientações criteriosas, pela paciência diante das dúvidas e pelas palavras firmes que me conduziram com responsabilidade ao longo da pesquisa. Estendo meu agradecimento aos professores do curso, que não apenas compartilharam conhecimento técnico, mas também despertaram em mim o compromisso com a pesquisa, o respeito à natureza e a importância da educação ambiental.

Registro aqui, com carinho e respeito, minha gratidão aos profissionais Elias e Cleverton, e ao Marleno, chefe do Parque Nacional Serra de Itabaiana que, durante as visitas técnicas foram acolhedores e generosos ao compartilhar informações, dirimir dúvidas e acompanhar etapas importantes da coleta de dados. Sua colaboração foi essencial para a realização deste trabalho e para minha compreensão mais sensível da realidade do parque.

E, por fim, agradeço a mim mesma. Pela coragem de seguir, pela persistência em meio às dificuldades, pela disciplina que me guiou nos dias longos e pela força que encontrei quando pensei em desistir. Hoje celebro não apenas o fim de uma etapa, mas o caminho que percorri com dignidade, resiliência e compromisso.

RESUMO

O Parque Nacional Serra de Itabaiana, localizado no estado de Sergipe, criado em 15 de julho de 2005, é uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral que desempenha um papel fundamental na preservação dos recursos naturais e culturais da região. Apesar da aprovação do seu Plano de Manejo em 2017, o documento não deixa evidente quais os atributos presentes no parque. Diante disso, o presente trabalho buscou identificar e mapear quais os atributos físicos, bióticos e socioculturais no Parque Nacional Serra de Itabaiana, visando subsidiar a gestão e o uso público da unidade. A metodologia empregada incluiu a coleta e análise de dados secundários de literatura acadêmica, visitas técnicas para coleta de dados primários e o uso de geotecnologias, como o *Google Earth* e o Avenza Maps, para georreferenciamento de pontos de interesse. Os resultados revelaram uma rica diversidade de atributos. Os atributos físicos incluem a geologia e geomorfologia variadas, com serras, vales, grutas e afloramentos rochosos de grande importância para o geoturismo. A serra também funciona como um divisor de águas e berço de mais de 100 nascentes, alimentando rios como o Jacarecica e o Poxim, e possui um clima tropical úmido. Os atributos bióticos são caracterizados como um ecótono entre a Mata Atlântica e a Caatinga, abrigando uma diversidade de fitofisionomias, como campos rupestres e florestas sazonais, além de espécies endêmicas e ameaçadas. Por fim, os atributos socioculturais destacam a conexão histórica entre o parque e as comunidades do entorno, expressa em lendas como a do "Poço das Moças" e do "Carneiro de Ouro", além de práticas religiosas e a importância do local como refúgio para escravizados fugitivos. A palavra "Itabaiana" remete à "serra morada dos homens de onde vêm as águas". O estudo conclui que a identificação e a valorização desses atributos são essenciais para uma gestão eficaz, que equilibre a conservação da biodiversidade com o uso público sustentável e a valorização do patrimônio cultural da região.

Palavras-chaves. Unidade de Conservação. Uso Público. Geodiversidade. Biodiversidade. Patrimônio cultural.

ABSTRACT

The Serra de Itabaiana National Park, located in the state of Sergipe, created on July 15, 2005, is a fully protected Conservation Unit (CU) that plays a fundamental role in the preservation of the region's natural and cultural resources. Despite the approval of its Management Plan in 2017, the document does not make evident which attributes are present in the park. Therefore, the present work seeks to identify and map the physical, biotic, and sociocultural attributes in the Serra de Itabaiana National Park, aiming to support the management and public use of the unit. The methodology employed included the collection and analysis of secondary data from academic literature, technical visits for primary data collection, and the use of geotechnologies, such as *Google Earth* and Avenza Maps, for georeferencing points of interest. The results revealed a rich diversity of attributes. The physical attributes include varied geology and geomorphology, with mountains, valleys, caves, and rock outcrops of great importance for geotourism. The mountain range also functions as a water divider and the birthplace of more than 100 springs, feeding rivers such as the Jacarecica and Poxim, and has a humid tropical climate. The biotic attributes are characterized as an ecotone between the Atlantic Forest and the Caatinga, housing a diversity of physiognomies, such as rupestrian fields and seasonal forests, in addition to endemic and threatened species. Finally, the sociocultural attributes highlight the historical connection between the park and the surrounding communities, expressed in legends such as the "Poço das Moças" (Maidens' Well) and the "Carneiro de Ouro" (Golden Ram), in addition to religious practices and the importance of the site as a refuge for runaway enslaved people. The word "Itabaiana" refers to the "mountain home of the people from where the waters come." The study concludes that the identification and valorization of these attributes are essential for effective management, which balances biodiversity conservation with sustainable public use and the valorization of the region's cultural heritage.

Keywords: Conservation Unit. Public Use. Geodiversity. Biodiversity. Cultural heritage.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANA	Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico
GPS	<i>Geographic Positioning System</i>
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IUCN	União Internacional Para Conservação da Natureza
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PARNA	Parque Nacional
PARNASI	Parque Nacional Serra de Itabaiana
QGIS	<i>Quantum Geographic Information System</i>
RBMA	Reserva da Biosfera da Mata Atlântica
SIG	Sistema de Informações Geográficas
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UC	Unidade de Conservação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura
UFS	Universidade Federal de Sergipe

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de localização do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Se.....	29
Figura 2 - Identificação dos atributos físicos.....	36
Figura 3 - Mapa de vegetação.....	45
Figura 4 - Identificação dos atributos socioculturais.....	56

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Lista de infraestruturas de manejo identificadas na unidade.....	61
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de dissertações, artigos científicos, documentos técnicos e trabalhos acadêmicos sobre os atributos físicos.....	35
Tabela 2 - Lista de dissertações, artigos científicos, documentos técnicos e trabalhos acadêmicos sobre os atributos bióticos.....	40
Tabela 3 - Lista de dissertações, artigos científicos, documentos técnicos e trabalhos acadêmicos sobre os atributos socioculturais.....	55

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	16
2.1 Uso público em Unidades de Conservação.....	16
2.2 Parque Nacional.....	18
2.3 Parque Nacional Serra de Itabaiana.....	20
2.4 Atributos: aspectos conceituais e sua importância em Parques Nacionais.....	22
2.4.1 Atributos físicos.....	23
2.4.2 Atributos bióticos.....	25
2.4.3 Atributos socioculturais.....	26
3. METODOLOGIA.....	28
3.1 Área de estudo.....	28
3.2 Dados utilizados.....	30
3.3 Coleta e análise dos dados primários.....	30
3.4 Coleta e análise de dados secundários.....	32
3.5 Categorização e análise dos atributos.....	33
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	34
4.1 Identificação dos atributos físicos.....	34
4.1.1 Relevo, solo e clima.....	36
4.1.2 Hidrografia.....	38
4.2 Identificação dos atributos bióticos.....	39
4.2.1 Fitofisionomias e vegetação.....	43
4.2.2 Flora.....	45
4.2.3 Fauna.....	48
4.2.4 Flora: novas ocorrências, espécies ameaçadas e endêmicas.....	50
4.2.5 Fauna: novas ocorrências, espécies ameaçadas e endêmicas.....	52
4.3 Identificação dos atributos socioculturais.....	54
4.3.1 Práticas religiosas, manifestações culturais e simbolismo.....	57
4.3.4 Lendas.....	59
4.4 Estrutura do parque.....	60
5. CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64
ANEXO A.....	74
ANEXO B.....	77

1. INTRODUÇÃO

As unidades de conservação (UCs) são áreas com características naturais relevantes, criadas ou instituídas pelo poder público com o objetivo de preservar e recuperar os ambientes naturais. Nessas áreas também se promove o uso sustentável por meio de trilhas interpretativas, atividades de pesquisa científica e educação ambiental. Desempenham um papel fundamental na proteção da biodiversidade e, para que cumpram esse propósito, precisam ser adequadamente implantadas e manejadas (ARAÚJO & FABRICANTE, 2020).

Dentro do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), as UCs são classificadas em duas grandes categorias: *Proteção Integral e Uso Sustentável*. Os parques, integrantes da primeira categoria, podem ser nacionais, estaduais ou municipais e ocupam uma posição intermediária entre as unidades de conservação de uso restrito, como as reservas biológicas, e aquelas que permitem a exploração sustentável dos recursos, como as florestas nacionais. Nos parques, o uso da área se limita a visitação pública, recreação em contato com a natureza e as atividades educativas e científicas (FERRARI, 2005).

Segundo o SNUC (Lei nº 9.985/2000), os Parques Nacionais (PARNAs) têm como objetivo principal a preservação dos ecossistemas naturais. Além disso, possibilitam a realização de pesquisas científicas, atividades de educação e interpretação ambiental, bem como a prática de recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico.

O Plano de Manejo de um parque visa garantir seu funcionamento cotidiano e, ao mesmo tempo, assegurar sua conservação a longo prazo. Para isso, é fundamental dispor de informações sistematizadas sobre suas características ecológicas e socioambientais, com destaque para os atributos físicos, bióticos e socioculturais presentes no parque (FERRARI, 2005).

Decretado em 15 de junho de 2005 (BRASIL, 2005), o Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI) é a primeira unidade de conservação dessa categoria a ser implantada no estado de Sergipe. Segundo Ferrari (2005), sua implantação representou a conquista de uma luta de 26 anos para o Ibama e conservacionistas locais, que apresentaram o projeto original ao governo federal em 1978. Com aproximadamente 8.025 hectares, o parque abriga remanescentes dos biomas Mata Atlântica e Caatinga, ambos historicamente afetados por ações antrópicas.

Seus atributos físicos incluem formações geológicas diversificadas, afloramentos rochosos, solos distintos e hidrografia rica, com nascentes e cursos d'água fundamentais para

a manutenção dos ecossistemas (D'HORTA et al., 2005, SILVA et al., 2020). O clima tropical influencia diretamente a distribuição da vegetação e da fauna, evidenciando a interdependência entre fatores abióticos e bióticos (PEREIRA; SOUZA, 2019).

Para além dos aspectos naturais, o PARNASI apresenta expressiva relevância sociocultural. Diversas comunidades do entorno mantêm vínculos históricos com o território do parque, expressos em práticas tradicionais de uso da terra, turismo, lendas locais e manifestações culturais que revelam a relação simbólica com o ambiente natural (SANTOS; ALMEIDA, 2017) A compreensão desses aspectos é fundamental para formulação de estratégias que integrem a conservação ambiental à valorização dos saberes locais.

A gestão eficaz dessas áreas requer um conhecimento aprofundado sobre os atributos físicos, bióticos e socioculturais que influenciam sua conservação e uso sustentável. No caso do Parque Nacional Serra de Itabaiana, embora o Plano de Manejo da unidade exista, ele não detalha suficientemente como identificar esses atributos. Além disso, apesar da reconhecida importância ecológica e sociocultural do parque, poucos estudos abordam esses atributos de forma aprofundada.

Compreender a relação entre os atributos naturais e socioculturais do parque e seu uso público é essencial para avaliar os impactos da visitação e promover um equilíbrio entre conservação e recreação. A crescente demanda por áreas naturais para turismo ecológico e educação ambiental reforça a necessidade de estudos que integrem preservação e desenvolvimento sustentável.

Nesse sentido, este estudo teve como objetivo identificar e mapear os atributos físicos, bióticos e socioculturais do Parque Nacional Serra de Itabaiana, visando subsidiar suas relações com o uso público. A identificação desses atributos possibilita compreender as potencialidades e fragilidades da área, fornecendo subsídios para o fortalecimento das políticas de conservação, valorização do patrimônio natural e cultural da região e aprimoramento da gestão do uso público da unidade.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Uso público em Unidades de Conservação

Historicamente, o Brasil vivenciou um período de exploração intensiva e indiscriminada de seus recursos naturais, impulsionado por demandas econômicas conjunturais. Diante da vasta extensão territorial e da singular diversidade biológica e cultural

do país, tornou-se imperativa a criação de áreas destinadas à proteção dos ecossistemas naturais.

Nesse contexto, para o planejamento e gestão eficazes dessas áreas, foi instituído o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), por meio da Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. De acordo com essa lei, unidade de conservação é definida como:

“[...] espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção da lei”. (BRASIL, 2000, art. 2º, I).

A importância das Unidades de Conservação (UCs) para a biodiversidade está na sua função de proteger ecossistemas, espécies e processos ecológicos fundamentais para a manutenção da vida. Essas áreas garantem a conservação dos habitats naturais, promovendo a preservação da fauna e flora, além de contribuírem para a mitigação dos impactos das mudanças climáticas, a manutenção dos recursos hídricos e o equilíbrio ecológico (MMA, 2018). Ademais, desempenham um papel essencial na proteção de espécies ameaçadas de extinção, fornecendo refúgio contra pressões antrópicas, como desmatamento, caça ilegal e expansão urbana desordenada (ICMBio, 2020). Dessa forma, essas áreas são indispensáveis para a manutenção da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos essenciais para a sociedade.

O uso público em unidades de conservação refere-se ao conjunto de atividades permitidas dentro dessas áreas protegidas, tais como recreação, turismo ecológico, pesquisa científica e educação ambiental (ICMBio, 2020). Essas atividades devem estar de acordo com os objetivos da categoria da unidade e obedecer às diretrizes estabelecidas em seus respectivos planos de manejo, de forma que não comprometam a integridade dos ecossistemas protegidos (BRASIL, 2000).

A visitação pública, quando bem planejada e monitorada, pode gerar benefícios sociais, culturais e econômicos, especialmente para as comunidades do entorno. Segundo o Snuc (Brasil, 2000) a gestão participativa do uso público em UCs pode estimular a valorização do patrimônio natural, gerar renda para populações locais e fortalecer ações de conservação ambiental.

Conforme estabelece o SNUC, (BRASIL, 2000), o uso público deve ser planejado de forma a garantir a conservação da biodiversidade. Além do mais, deve promover atividades de educação ambiental e turismo ecológico.

Estudos como o de Medeiros et al. (2011) apontam o uso público, aliado à práticas de educação ambiental, um importante instrumento de sensibilização da sociedade quanto à importância da biodiversidade. Além disso, iniciativas de turismo sustentável em UCs contribuem para o fortalecimento da identidade cultural e para geração de empregos diretos e indiretos.

No caso do Parque Nacional Serra de Itabaiana, o uso público representa tanto um desafio quanto uma oportunidade. Desafio, por exigir mecanismos de controle e manejo que evitem impactos ambientais negativos decorrentes do aumento de visitação; e oportunidade, por permitir a difusão de conhecimento ambiental e o fortalecimento das relações entre sociedade e natureza. Como discutido por Santos e Almeida (2017), o turismo ecológico na unidade pode ser potencializado a partir do conhecimento e valorização de seus atributos físicos, bióticos e socioculturais.

Assim, o uso público representa não apenas uma estratégia de valorização do patrimônio natural e cultural, mas também um instrumento de sensibilização ambiental e fortalecimento da gestão participativa. A inserção consciente da sociedade nas UCs, por meio da visitação e de atividades educativas, pode contribuir significativamente para a conservação da biodiversidade e para o desenvolvimento sustentável das regiões protegidas.

2.2 Parque Nacional

De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), o conceito de Parque Nacional é definido da seguinte forma:

“[...] é uma área com relevantes atributos naturais, destinada a objetivos de preservação, pesquisa e educação ambiental, onde a visitação pública é permitida, estando sujeita às normas e restrições estabelecidas em seu Plano de Manejo.” (BRASIL, 2000, art. 11).

Os Parques Nacionais integram a categoria de Proteção Integral, conforme estabelecido pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (BRASIL, 2000) e têm como objetivo principal a preservação de ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica. Neles, o uso direto dos recursos naturais é vedado, sendo permitido apenas o uso indireto, como pesquisas científicas, educação ambiental e turismo ecológico (ICMBio, 2020). Essas áreas são de posse e domínio públicos, sendo permitidas desapropriações quando necessário para garantir sua integridade (BRASIL, 2000).

Além de sua função ecológica, os Parques Nacionais exercem papel relevante na promoção do desenvolvimento sustentável por meio do ecoturismo, da educação ambiental e da valorização do patrimônio cultural associado a comunidades tradicionais e indígenas (ICMBio, 2020). Eles proporcionam oportunidades de pesquisa científica e sensibilização da sociedade sobre a importância da conservação da natureza (MEDEIROS; YOUNG, 2011). Além disso, a proteção dos Parques Nacionais contribui para a regulação climática, manutenção de mananciais hídricos e preservação do patrimônio cultural associado às comunidades tradicionais e indígenas que historicamente ocupam essas regiões (ICMBio, 2020).

A criação dos Parques Nacionais no Brasil teve início em 1937, com o Parque Nacional de Itatiaia (PNI), localizado na Serra da Mantiqueira (DRUMMOND, 1997). Desde então, o Brasil expandiu sua rede de Parques Nacionais para proteger biomas diversos, como a Amazônia, o Cerrado, a Mata Atlântica e o Pantanal. Com a promulgação do SNUC, em 2000, a gestão dessas áreas passou a seguir diretrizes mais claras, regulamentando o uso público, os planos de manejo e a fiscalização (MMA, 2018).

Entre os atributos mais significativos dos Parques Nacionais (PARNA) está a visitação pública, pois possibilita a aproximação entre sociedade e natureza, ao mesmo tempo em que exige planejamento cuidadoso para evitar impactos ambientais. A visitação deve ser regulamentada com base no Plano de Manejo, que define as áreas acessíveis ao público e as restrições necessárias à proteção dos ecossistemas (ICMBio, 2020).

Embora a visitação seja permitida nos Parques Nacionais, nem todas as categorias de unidade de conservação permitem visitação pública. As unidades de proteção integral, como os Parques Nacionais, possuem regulamentação específica para visitação, enquanto outras categorias, como Reserva Biológicas e Estações Ecológicas, são restritas a atividades científicas (ICMBio, 2018). Por outro lado, as unidades de Uso Sustentável, como Reservas Extrativistas e Florestas Nacionais, permitem atividades produtivas sustentáveis e, em alguns casos, turismo comunitário (DIEGUES, 2000).

A categoria de Parque Nacional, ao permitir a visitação, desempenha um papel importante na sensibilização ambiental e no fomento ao ecoturismo. Exemplos de Parques Nacionais que conciliam conservação e visitação incluem o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO), famoso por suas paisagens exuberantes e biodiversidade do Cerrado (ICMBio, 2020), e o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (MA), que protege ecossistemas costeiros únicos e permite visitação controlada (MEDEIROS; YOUNG, 2011).

O Parque Nacional da Serra da Capivara (PI), por exemplo, protege ecossistemas de Caatinga e sítios arqueológicos de grande relevância cultural e biológica (MMA, 2018). Já o Parque Nacional do Iguaçu (PR) é reconhecido por sua expressiva diversidade de fauna, incluindo a onça-pintada (*Panthera onca*), uma espécie ameaçada que encontra ali um refúgio seguro (ICMBio, 2020). Outro exemplo é o Parque Nacional da Tijuca (RJ), um dos mais visitados do país, por sua proximidade com áreas urbanas e pela presença de patrimônios culturais e naturais de grande valor (FREITAS et al., 2017).

A visitação em parques nacionais pode trazer benefícios econômicos e sociais, mas também exige um manejo adequado para evitar impactos ambientais negativos. O Parque Nacional da Chapada Diamantina, na Bahia, por exemplo, atrai milhares de turistas anualmente para trilhas, cachoeiras e formações geológicas únicas, exigindo um planejamento rigoroso para equilibrar conservação e uso público. Em contrapartida, parques com menor visitação, como o Parque Nacional de Pacaás Novos, em Rondônia, possuem um acesso mais restrito devido à dificuldade logística e ao foco na proteção da biodiversidade (FERREIRA, 2021).

O Parque Nacional da Serra de Itabaiana (PARNASI), objetivo do presente estudo, representa um exemplo de área protegida que combina relevância ecológica e potencial turístico. Localizado no estado de Sergipe, formações geológicas relevantes, vegetação de transição entre Mata Atlântica e Caatinga, além de recursos hídricos essenciais (ICMBio 2020).

Dessa forma, os Parques Nacionais (PARNA) desempenham um papel estratégico na proteção da biodiversidade e na promoção da educação ambiental. A visitação, quando bem manejada, pode gerar benefícios ecológicos, sociais e econômicos, especialmente quando envolvem as comunidades locais em práticas sustentáveis. O desafio está em conciliar o uso público com os objetivos de conservação, mantendo a integridade ecológica das unidades e promovendo a valorização do patrimônio natural e cultural brasileiro (MEDEIROS; YOUNG, 2011; ICMBio, 2020).

2.3 Parque Nacional Serra de Itabaiana

O Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI) é o primeira e a única Unidade de Conservação federal da categoria PARNA no estado de Sergipe. Até o ano de 2005, a Serra de Itabaiana era considerada uma Estação Ecológica que abrangia apenas 288,53 hectares, mas após a criação do Decreto Presidencial s/no de 15 de junho de 2005, a unidade foi

reclassificada com Parque Nacional e teve sua área ampliada para aproximadamente 8.025 ha (BRASIL, 2005).

A mudança de escolha da categoria ocorreu em virtude da intensa visitação e da importância histórica, cultural e religiosa da Serra para a população local. Como Estações Ecológicas não permitem visitação pública para lazer, a reclassificação para Parque Nacional permitiu compatibilizar a conservação ambiental com o uso público controlado (COSTA, 2014). O PARNASI representa um mosaico de paisagens naturais e culturais de grande relevância para a conservação da biodiversidade e para o patrimônio histórico-cultural da região.

Administrado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), o parque tem sua gestão orientada pelo Plano de Manejo, aprovado por meio da portaria nº 76, de julho de 2016, que estabelece diretrizes para o uso sustentável, zoneamento e manejo dos recursos naturais (BRASIL, 2000). Complementando a governança participativa, o Conselho Consultivo do PARNASI foi criado por meio da Portaria nº 566, de 1º de setembro de 2017, reunindo representantes da sociedade civil, instituições públicas e comunidade local.

O nome da unidade deriva de sua localização nas cristas residuais do Domo de Itabaiana, uma formação geológica de destaque regional. A origem etimológica da palavra “Itabaiana” remete ao termo indígena “*It’aba’ü’one*”, que pode ser interpretado como “serra morada dos homens de onde vêm as águas”, reforçando a conexão ancestral e simbólica entre a serra e os recursos hídricos locais (COSTA, 2014).

Situado na zona de transição entre os biomas Mata Atlântica e da Caatinga, além de ser uma importante reserva hídrica com cachoeiras que favorecem o ecoturismo, o PARNASI apresenta uma rica diversidade de ecossistemas, como florestas ombrófilas, campos rupestres, afloramentos rochosos e nascentes de rios essenciais para o abastecimento regional (SANTOS et al., 2019). A unidade passou a integrar a 4ª fase da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (RBMA), reconhecida pela UNESCO (COSTA, 2014).

Entre seus principais atrativos naturais, destacam-se o Poço das Moças e diversas trilhas, como as do Paredão, da Gruta, das Cachoeiras, do Caldeirão, da Via Sacra e o Circuito do Parque dos Falcões, que favorecem o ecoturismo e a educação ambiental.

Além de suas belezas naturais, o PARNASI possui significativo valor sociocultural. Sítios arqueológicos encontrados na região indicam a ocupação de povos indígenas há milhares de anos, e formações rochosas e cavernas foram utilizadas como refúgios durante o

período colonial, inclusive por escravizados fugitivos. Essas características reforçam a importância da unidade como espaço de memória, resistência e identidade cultural.

O parque abriga ecossistemas diversos e é uma das principais reservas hídricas do estado, desempenhando papel estratégico na conservação da biodiversidade regional. Sua gestão busca equilibrar conservação ambiental e uso público, promovendo pesquisas científicas, educação ambiental e o turismo ecológico de forma sustentável (ICMBio, 2020).

A relevância do Parque Nacional da Serra de Itabaiana está na sua função de garantir a manutenção dos ecossistemas locais, proporcionando benefícios tanto ecológicos quanto socioculturais para a população e visitantes. Dessa forma, a gestão da unidade deve equilibrar a conservação ambiental com as demandas de uso público, garantindo a sustentabilidade da área protegida (ICMBio, 2020; FERREIRA, 2021).

2.4 Atributos: aspectos conceituais e sua importância em Parques Nacionais

A palavra “atributo”, segundo o Dicionário de Língua Portuguesa, refere-se a características próprias e particulares de algo ou alguém. No contexto ambiental, especialmente nas Unidades de Conservação (UCs), o termo é utilizado para classificar elementos naturais, ecológicos e socioculturais que conferem identidade e valor a essas áreas protegidas (RODRIGUES, 2015; PEREIRA, SANTOS, 2022).

Conforme a tipologia mais adotada na literatura científica e nos documentos oficiais de gestão, os atributos em Unidades de Conservação são comumente divididos em três categorias: físicos, bióticos e socioculturais. Essa divisão permite uma compreensão integrada da paisagem, contribuindo para a compreensão dos serviços ecossistêmicos e subsidiando o planejamento e a implementação de estratégias de conservação e uso sustentável (ICMBio, 2020).

Nos Parques Nacionais (PARNA), esses atributos estão fortemente relacionados à biodiversidade, englobando a riqueza de espécies, os ecossistemas preservados, a presença de espécies endêmicas e ameaçadas de extinção, além dos processos ecológicos essenciais para a manutenção da vida (BRASIL, 2000). A proteção desses atributos é essencial para garantir a conservação da biodiversidade e a manutenção dos processos ecológicos fundamentais para a sustentabilidade dos biomas (ICMBio, 2020).

A identificação e valorização dos atributos físicos, bióticos e socioculturais representam etapas essenciais no processo de planejamento e gestão das Unidades de Conservação. A partir desse reconhecimento, é possível direcionar ações de manejo que considerem a interação entre os componentes naturais e humanos, promovendo não apenas a

conservação da biodiversidade, mas também o bem-estar das comunidades envolvidas (PEREIRA; SANTOS, 2022).

2.4.1 Atributos físicos

Os atributos físicos correspondem aos elementos abióticos do ambiente natural, como relevo, solo, geologia, clima e recursos hídricos. Esses aspectos são fundamentais para a formação da paisagem, distribuição da biodiversidade e definição do potencial de uso do espaço protegido. Em unidades de conservação como os Parques Nacionais, esses atributos fornecem a base ecológica e estrutural sobre a qual se estabelecem os ecossistemas e os usos sociais do território.

O Parque Nacional Serra de Itabaiana apresenta grande diversidade geológica e geomorfológica, com formações rochosas antigas, serras, vales, grutas e afloramentos que o tornam um espaço de alta relevância para o geoturismo (SANTOS, 2018). Segundo a autora, esses elementos representam não apenas valor paisagístico, mas também científico e educativo, já que possibilitam a compreensão de processos geológicos e a valorização da geodiversidade. Essas características tornam o parque um espaço estratégico para o desenvolvimento do geoturismo e as atividades de educação ambiental voltadas à interpretação da paisagem.

Entre os principais atributos geralmente observados em unidades como PARNASI, destacam-se formações rochosas, os cursos d'água, as cachoeiras, os afloramentos, os gradientes altitudinais e os solos variados, que contribuem para a heterogeneidade ambiental e para a conservação da biodiversidade local. No caso específico do PARNASI, a presença de elevações que ultrapassam os 600 metros de altitude, formações quartzíticas e nascentes que alimentam importantes rios da região, como o Jacarecica e o Poxim, evidenciam sua relevância como reserva hídrica e geológica no estado de Sergipe (COSTA, 2014; SANTOS et al., 2019)

Outro aspecto relevante dos atributos físicos do parque está relacionado aos seus recursos hídricos. Estudos de Teles (2012) demonstram a importância da Serra de Itabaiana como um divisor de águas de diversas bacias hidrográficas do estado de Sergipe, sendo o berço de diversas nascentes e cursos d'água perenes. A autora também destaca que os parâmetros físico-químicos da água (como pH, oxigenação e turbidez) indicam uma boa qualidade ambiental, essencial para a manutenção da biodiversidade aquática. Adicionalmente, essas características hídricas favorecem a prática do ecoturismo e reforçam o papel do parque como provedor de serviços ecossistêmicos.

Estudos que empregam geotecnologias também têm contribuído para a identificação e monitoramento de atributos físicos. Santos et al. (2018) utilizaram mapeamento por sensoriamento remoto e geoprocessamento para analisar o uso do solo e as transformações na paisagem do parque, revelando áreas de pressão antrópica que demandam maior atenção da gestão ambiental. Essa abordagem é fundamental para subsidiar ações de monitoramento e conservação dos recursos naturais.

Além disso, os elementos climáticos, como a temperatura e a umidade, influenciam diretamente na formação dos ecossistemas locais. Costa (2014) destaca que o clima tropical úmido da região favorece a presença de vegetação diversificada, o que, aliado ao relevo acidentado e à presença de nascentes, salienta a importância dos atributos físicos como base para a conservação ambiental e o desenvolvimento de atividades educativas e recreativas. Os resultados evidenciaram áreas com sinais de pressão antrópica, como trilhas degradadas e fragmentação de vegetação, que demandam ações específicas de manejo e monitoramento.

Além do relevo e da hidrografia, o clima e o solo da região do PARNASI também configuram importantes atributos físicos. O clima é classificado como tropical úmido, litorâneo, oceânico, com chuvas de inverno antecipadas, segundo a classificação de Köppen-Geiger, apresentando um excedente hídrico durante o inverno, com índice pluviométrico entre -1,3 e 8,8. A precipitação média anual varia entre 1.100 e 1.300 mm, enquanto a evapotranspiração anual média é de 880 mm (VICENTE, 1999).

Em síntese, com base na literatura consultada, os atributos físicos do Parque Nacional Serra de Itabaiana desempenham papel central na conservação da biodiversidade, na oferta de serviços ecossistêmicos e no planejamento do uso público. Compreender esses elementos é fundamental para orientar decisões de manejo, zoneamento ambiental e desenvolvimento de atividades educativas e turísticas sustentáveis no interior da unidade.

Quanto aos solos, observa-se uma grande variabilidade, com predominância das Areias Quartzosas e dos Litossolos. Há registros de áreas anteriormente utilizadas para cultivo agrícola, indicando interferências antrópicas que alteraram a estrutura original do solo. Essas intervenções deixaram marcas ainda visíveis na paisagem e na composição edáfica, sobretudo em regiões atualmente ocupadas por vegetação secundária (VICENTE, 1999).

A identificação e o mapeamento desses atributos físicos são essenciais para o zoneamento ambiental das UCs e para a definição de áreas prioritárias à conservação, ao uso público e à pesquisa científica. Esses dados subsidiam também o Plano de Manejo e as políticas públicas voltadas à proteção e ao monitoramento ambiental (ICMBio, 2020).

2.4.2 Atributos bióticos

Atributos bióticos de uma unidade de conservação referem-se à diversidade biológica presente em seus ecossistemas, abrangendo a flora, a fauna, os microrganismos e as interações ecológicas entre esses organismos. Esses elementos são fundamentais para a manutenção dos processos ecológicos e para cumprimento dos objetivos de conservação estabelecidos para os parques nacionais (BRASIL, 2000).

No caso do PARNASI, destaque-se como um importante mosaico ecológico, caracterizado pela ocorrência de diversos tipos de vegetação. Dantas e Ribeiro (2010) realizaram um estudo de caracterização da vegetação do parque e identificaram a presença de fitofisionomias variadas, como campos rupestres, áreas de cerrado e floresta estacional, determinadas principalmente pelas condições edáficas, hídricas e pela altitude. Essa diversidade de habitats favorece a ocorrência de uma rica flora endêmica e adaptada às condições locais.

No que se refere à fauna, o parque abriga uma variedade de espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e invertebrados, muitos dos quais desempenham papel importante na manutenção do equilíbrio ecológico. Segundo Silva et al. (2019), a fauna do parque inclui espécies ameaçadas de extinção, como tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), além de diversas aves silvestres e serpentes, que possuem alto potencial atrativo para o ecoturismo. O estudo aponta ainda que a observação da fauna é uma das atividades mais valorizadas pelos visitantes, o que evidencia a relevância desses atributos bióticos para o uso público da área.

Além da flora e fauna terrestres, os organismos aquáticos também são fundamentais na avaliação ambiental do parque, onde os macroinvertebrados aquáticos são usados como bioindicadores da qualidade ambiental. Teles et al. (2013) analisaram a presença desses organismos em corpos hídricos da Serra de Itabaiana e observaram que sua diversidade e abundância estão diretamente associadas às condições físico-químicas da água. A presença de certos grupos, como larvas de efemerópteros e tricópteros, indica ambientes bem preservados, enquanto outros organismos sugerem algum grau de degradação. Essa abordagem permite avaliar, de forma eficiente, a saúde dos ecossistemas aquáticos e destaca a importância dos atributos bióticos na gestão ambiental da unidade.

Dessa forma, os atributos bióticos do Parque Nacional Serra de Itabaiana se destacam não apenas pela riqueza ecológica, mas também por seu valor científico, educacional e turístico. A conservação desses elementos vivos é essencial para a manutenção dos serviços

ecossistêmicos, como a purificação da água, regulação do clima e controle biológico, e para a perpetuação dos valores naturais que justificam a criação e proteção do parque.

Segundo Primack e Rodrigues (2001), a conservação da biodiversidade em áreas protegidas só é efetiva quando se compreende a complexidade das interações ecológicas locais, sendo imprescindível identificar os componentes bióticos prioritários para ações de monitoramento e manejo adaptativo.

2.4.3 Atributos socioculturais

Os atributos socioculturais em unidades de conservação referem-se aos valores, práticas, saberes e manifestações culturais vinculados às comunidades do entorno e à relação histórica das populações com o território protegido. Tais atributos englobam os usos tradicionais dos recursos naturais, o conhecimento ecológico local, a valorização do patrimônio imaterial, além das expressões culturais como festas, crenças e lendas que contribuem para a identidade da região.

Na Serra de Itabaiana, esses atributos são evidentes tanto nas comunidades do entorno quanto nas atividades desenvolvidas no interior da unidade. Costa (2014) analisou o potencial para o desenvolvimento do turismo de base comunitária no entorno do parque e apontou a presença de elementos socioculturais significativos, como saberes populares, manifestações culturais, trilhas históricas e práticas agrícolas sustentáveis. A autora destaca que, quando adequadamente valorizados, esses atributos podem fortalecer a relação entre as comunidades e a conservação ambiental, promovendo alternativas de renda e o engajamento local.

Além dos aspectos materiais e históricos, os atributos socioculturais do parque também se manifestam nas tradições orais e no imaginário popular, por meio de lendas que atravessam gerações e conferem à serra um valor simbólico e espiritual. Essas narrativas populares, embora muitas vezes desconsideradas nos estudos, são fundamentais para o reconhecimento do patrimônio cultural imaterial da região e contribuem para a construção da identidade local.

Dentre as mais conhecidas, destaca-se a Lenda do Poço das Moças, que narra a história de três jovens que, ao tomarem banho no poço, teriam desaparecido misteriosamente. A lenda sugere uma relação espiritual e mística com as águas da serra, valorizadas tanto do ponto de vista ecológico quanto simbólico. Segundo moradores da região, há quem acredite que as moças tenham sido “puxadas” por forças ocultas que protegem o local, conferindo-lhe caráter sagrado e misterioso (CRISTINA, 2021).

Já segundo Menezes (2004), narra em sua dissertação que esta lenda, situada no Riacho dos Negros, conta que em suas águas encantadas faziam com que as donzelas perdessem a virgindade se transformassem em sereias. Outras versões sugerem que se as moças não virgens entrassem no poço, a água ficaria mais escura. Este poço também era local de rituais de batismo e rituais de passagem, como banhos e fotografias para moças ao completarem 15 anos.

Santos (2018) relata em sua dissertação que o contexto histórico e as tradições religiosas inseridas no PARNASI caracterizam o acervo cultural da região, que também se conecta com o patrimônio geológico. Ainda em seu estudo, a autora conta que na área do Rio das Pedras, a trilha em questão é palco para as lendas sobre as riquezas da serra. Exploradores, impulsionados pela busca por fortuna, subiam o Boqueirão de Ouro, nome dado ao leito pedregoso do Rio das Pedras. Por ali, eles se aventuravam na serraria, perseguindo riqueza fácil que nunca existiu (BISPO, 2013 apud SOUZA, 2014).

Também se destaca a figura do Santo Antônio Fújão, uma representação inusitada do santo católico que, segundo a lenda, teria fugido da igreja para viver recluso na serra. Conta-se que sua imagem desapareceu misteriosamente do altar e reapareceu em pontos altos da montanha, onde passou a ser reverenciado. Essa narrativa evidencia a religiosidade popular e a fusão entre fé cristã e elementos naturais da paisagem, típica de regiões onde a devoção se entrelaça com o meio ambiente (CRISTINA, 2021).

Uma das mais emblemáticas é a Lenda do Carneiro de Ouro, resgatada por Menezes (2011), a partir dos registros de Clodomir Silva (1926). Segundo o autor:

“[...] há de ouvir ainda hoje, em pleno século das maravilhas, as lendas do carneiro de ouro e da moça encantada que os atuais habitantes referem pelo as haverem ouvido de seus maiores, que lhes falavam do tempo em que a serra, estourando de 7 em 7 anos, fazia bater às portas do casario da cidade serrana, fragmentos de ouro volumosos e grandes.”(SILVA, 1926, pág. 21 apud MENEZES, W., 2011, blog).

A lenda relata que aqueles que tentam capturá-lo jamais conseguem e que o carneiro encantado é visto apenas por pessoas com "coração puro". Essa história reforça a ideia de que a serra abriga segredos e riquezas que não são acessíveis a todos, estabelecendo uma conexão afetiva e simbólica entre o território e os moradores (CRISTINA, 2021).

Ainda sobre esta lenda, Bispo (2013) apud ICMBio (2016) relata que:

“[...] existe um carneiro de ouro na Serra de Itabaiana, que atrai aventureiros, que na esperança de capturá-lo, perturbam os espíritos das matas e dos campos. Então um deles se transforma no carneiro de ouro, encantado, e atrai o ganancioso até as

fendas abruptas da serra, fazendo com que caia no abismo e seus corpos nunca foram encontrados.” (Bispo, 2013 apud ICMBio, 2016, p. 18).

Santana (2002) acrescenta que a lenda do carneiro de ouro também pode ser interpretada como uma metáfora para a riqueza gerada pela pecuária no processo de colonização da região. Os mitos sobre a existência de minerais preciosos na serra refletem um imaginário moldado pela cobiça e pela história da exploração do território.

Esses elementos culturais e simbólicos não apenas enriquecem a história local como também oferecem oportunidades para a valorização do patrimônio imaterial por meio da educação ambiental e do turismo interpretativo. Lima e Silva (2016) ressalta que o reconhecimento das tradições e narrativas locais como parte integrante dos atributos do parque pode gerar maior engajamento comunitário com os projetos de conservação e fortalecer o sentimento de pertencimento ao território.

3. METODOLOGIA

3.1 Área de estudo

O estudo foi realizado no Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI), no estado de Sergipe, aproximadamente 45 km da capital Aracaju (Figura 1). O parque está situado entre as coordenadas geográficas aproximadas de 10°42'36" e 10°50'16" de latitude sul e 37°16'4" e 37°25'14" de longitude oeste, abrangendo uma área total de 8.025 ha, distribuídos entre os municípios de Areia Branca (76,28%), Itabaiana (18,95%), Laranjeiras (2,67%), Campo do Brito (1,64%) e Itaporanga d'Ajuda (0,46%) (DANTAS; RIBEIRO, 2010; BRASIL, 2005).

O parque é composto por três formações serranas principais: Serra Itabaiana, Serra Comprida e a Serra do Cajueiro. Seu acesso se dá por meio da BR 235, na qual atravessa a área do PARNASI, dessa forma separando a porção onde está localizada a Serra de Itabaiana, das outras duas serras.

O clima regional é do tipo As', segundo a classificação de Köppen-Geiger, tropical com verão seco e moderado, com excedente hídrico no inverno. Os solos variam bastante, podendo-se citar as Areias Quartzosas e os Litossolos, dentre outros. O parque fica em uma zona de transição entre Mata Atlântica e Caatinga, onde abriga espécies importantes da fauna e flora brasileira (SOBRAL et al., 2007).

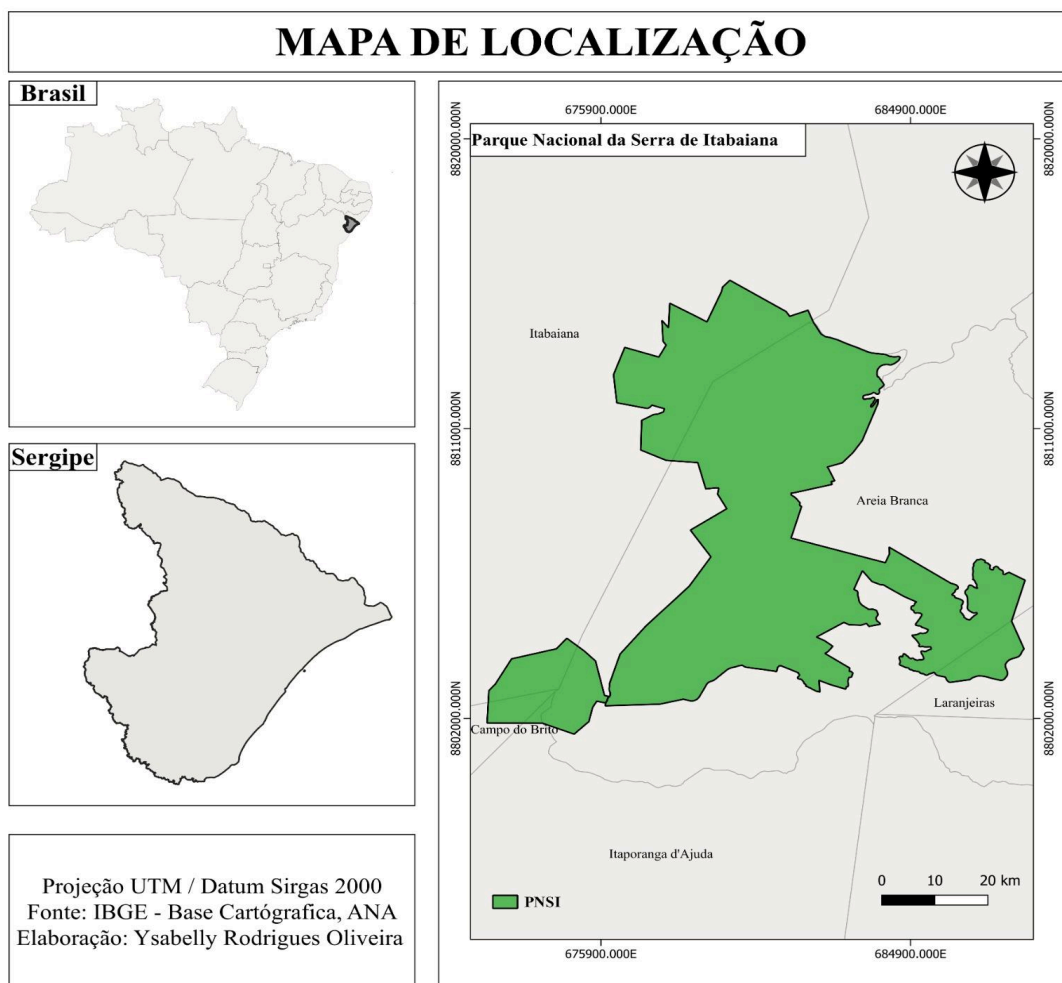


Figura 1: Mapa de localização do Parque Nacional Serra de Itabaiana, SE
Fonte: Autoral, 2025.

Na porção da Serra de Itabaiana, localiza-se a sede administrativa do PARNASI, a partir da qual é possível acessar as trilhas e os principais atrativos naturais e culturais da unidade, que foram o foco deste estudo. Também encontra-se os atrativos turísticos mais conhecidos e frequentados da unidade, como o Poço das Moças, a Cachoeira Véu de Noiva, a Gruta da Serra, o Salão dos Negros (também conhecido como Buraco da Velha), a Via Sacra, o Rio das Pedras e a Cachoeira do Encantado (SANTOS, 2018).

A responsabilidade pela administração do Parque Serra de Itabaiana foi atribuída ao Instituto Brasileiro e dos Recursos Renováveis (IBAMA). Posteriormente, com a criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) em 2007, a gestão das unidades de conservação federais, incluindo o Parque Nacional Serra de Itabaiana, foi transferida para este novo órgão.

3.2 Dados utilizados

Para delimitação espacial da área de estudo (Figura 1), foi utilizado um arquivo vetorial do tipo *ShapeFile*, contendo os limites geoespaciais de todas as Unidades de Conservação do Brasil, disponibilizado pela Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA). Esse arquivo foi importado para o software de geoprocessamento QGIS, onde foi realizada a filtragem e extração da área correspondente ao Parque Nacional Serra de Itabaiana.

O processo incluiu a seleção da camada específica da Unidade de Conservação de interesse, com base em seus atributos geográficos, permitindo a delimitação precisa do polígono do parque. Essa etapa foi essencial para georreferenciar a área de estudo e compor os mapas temáticos subsequentes, servindo como base espacial para a identificação e representação dos atributos físicos, bióticos e socioculturais ao longo do trabalho.

Para a construção dos mapas temáticos, foram utilizados pictogramas representativos desenvolvidos no formato de SVG, com simbologias específicas para os elementos presentes no parque, tais como mirante, trilhas, riachos, cachoeiras, formações geológicas, entre outras. A utilização desses pictogramas tem como objetivo facilitar a leitura visual dos dados cartográficos, promovendo maior clareza e acessibilidade à informação geoespacial.

Além disso, a base cartográfica do QGIS foi complementada com arquivos vetoriais e raster, como curvas de nível, rede hidrográfica, pontos de interesse e imagens de satélite disponíveis em plataformas como MapBiomas, SerHidro e o próprio repositório da ANA, garantindo a integração de dados espaciais confiáveis e atualizados.

O estudo utilizou dois tipos de dados: primários e secundários. Os dados primários foram coletados diretamente em campo, por meio de visitas técnicas, observações diretas, registros fotográficos, georreferenciamento e diálogos com funcionários do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). Já os dados secundários foram obtidos em dissertações, teses, artigos científicos, documentos oficiais, como o Plano de Manejo, e relatórios institucionais. A combinação de ambos possibilitou maior confiabilidade e consistência às análises, permitindo uma abordagem integrada.

3.3 Coleta e análise dos dados primários

A coleta de dados primários foi realizada em duas visitas técnicas ao PARNASI. Essas visitas tiveram como objetivos principais a observação direta dos atributos, a coleta de registros fotográficos e anotações de campo, e a verificação da infraestrutura de uso público.

Essas atividades ocorreram por meio de caminhadas em trilhas pré-estabelecidas, o que possibilitou a identificação e o registros dos atributos presentes ao longo dos percursos.

A primeira visita, ocorrida em 10 de março de 2025, teve caráter exploratório, sendo destinada ao reconhecimento inicial da área e da logística de acesso. Nessa ocasião, percorreu-se apenas a trilha principal que conduz à sede administrativa do próprio PARNASI, observando-se aspectos gerais da paisagem e a estrutura básica disponível para o visitante. Ressalta-se que essa sede é vinculada diretamente à gestão do local da unidade e é administrada pelo ICMBio. Já a segunda visita, realizada em 25 de julho de 2025, concentrou-se na identificação dos atributos definidos nesta pesquisa.

Os atributos físicos e bióticos foram identificados com base em uma combinação entre observações em campo e análise de fontes secundárias, incluindo levantamentos bibliográficos em dissertações, artigos científicos, documentos técnicos (Plano de Manejo) e estudos acadêmicos referentes à área. Nesse contexto, o levantamento bibliográfico correspondeu ao processo de seleção e sistematização dessas fontes secundárias, que forneceram suporte à interpretação dos dados coletados.

Em razão da impossibilidade de percorrer integralmente toda a área do parque, devido ao pouco tempo e poucas visitas, por consequência disso, parte desses atributos - especialmente os que não foram diretamente visitados - foram referenciados e complementados por meio de análises no *Google Earth*, permitindo a inspeção remota de feições da paisagem e a correlação com os dados documentais. Os trechos e pontos efetivamente percorridos em trilhas foram georreferenciados e registrados manualmente.

Já os atributos socioculturais foram mapeados principalmente por meio de observações diretas e diálogos com os funcionários do parque. Esses diálogos possibilitaram acessar informações de caráter religioso, cultural e histórico, relacionados às práticas simbólicas, manifestações de fé, lendas e usos tradicionais do território. Também permitiram identificar aspectos do manejo ambiental, como a presença de pontes, escadas de contenção, sinalização e ações de mitigação de impactos, a exemplo do plantio de bromélias para obstruir trilhas secundárias. Assim, além da observação em campo, os relatos orais constituíram uma importante fonte de dados para compreender a dimensão imaterial e a identidade cultural associada ao PARNASI.

Parte dos pontos de interesse foram identificados diretamente no *Google Earth*, em função das limitações de tempo e da impossibilidade de percorrer integralmente toda a área do parque. Os demais atributos foram registrados durante o deslocamento pelas trilhas acessíveis, o que permitiu uma verificação presencial e coleta de registros fotográficos.

Para o mapeamento georreferenciado dos elementos observados, utilizou-se o aplicativo Avenza Maps, garantindo precisão na marcação de pontos estratégicos, como riachos, mirantes e áreas de vegetação característica. O uso do *Google Earth* possibilitou a complementação e validação espacial das informações, especialmente em locais de difícil acesso.

Essa etapa foi essencial para integrar os dados primários obtidos em campo com os registros secundários provenientes de documentos e estudos acadêmicos, resultando em um diagnóstico mais completo e representativo da realidade do Parque Nacional Serra de Itabaiana.

3.4 Coleta e análise de dados secundários

A identificação dos atributos físicos, bióticos e socioculturais do (PARNASI) foi inicialmente fundamentada na análise de dados secundários, provenientes de documentos científicos, técnicos e estudos acadêmicos. Foram consultadas fontes institucionais como o Repositório da UFS, documentos técnicos como o Plano de Manejo do PARNASI, publicações do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), dados da Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico (ANA), além de catálogos cartográficos disponibilizados em formato ShapeFile.

Adicionalmente, foram realizadas buscas sistemáticas de literatura científica em plataformas como Google Acadêmico, Scielo, Web of Science, Repositório Capes e bases digitais de universidades federais, como a Universidade Federal de Sergipe (UFS). As buscas foram conduzidas com o uso de palavras-chaves específicas, incluindo: “Parque Nacional”, “Parque Nacional Serra de Itabaiana”, “atributos”, “biodiversidade em parques nacionais”, “uso público em unidades de conservação”, “atributos socioculturais em parque”, “educação ambiental em unidades de conservação”, “entre outras variações.

Os dados selecionados foram organizados por meio de fichas de leitura e tabelas de resumos, considerando critérios de atualidade, relevância científica e aderência temática com a área de estudo. A relevância científica foi avaliada a partir da origem das publicações, priorizando artigos em periódicos com classificação Qualis/CAPES, trabalhos indexados em bases conhecidas (Scopus, Web of Science, Scielo) e dissertações e teses vinculadas ao Repositório da UFS. Essas tabelas estão disponibilizadas no tópico 4 “Resultados e Discussão”. A análise qualitativa dos dados secundários também possibilitou a triangulação com as informações coletadas em campo, assegurando confiabilidade às interpretações apresentadas.

3.5 Categorização e análise dos atributos

A análise dos atributos foi organizada em três categorias principais: físicos, bióticos e socioculturais, com base em diretrizes metodológicas para diagnóstico ambiental em Unidades de Conservação (ICMBio, 2020).

A abordagem adotada foi qualitativa e descritiva, baseada na análise de padrões, conexões entre os atributos e sua contribuição para a conservação e o uso público do parque. A interpretação dos dados considerou a integração entre os registros documentais e as observações realizadas durante as visitas técnicas.

Os atributos foram acessados majoritariamente por meio das trilhas oficiais do parque. As trilhas funcionam como vetores do uso público e da interpretação ambiental, permitindo contato direto com os principais atrativos naturais e culturais da unidade.

Os atributos físicos envolveram a caracterização do relevo, tipos de solo, clima e recursos hídricos, com suporte de mapas temáticos e imagens de satélite. Embora a característica climática da região tenha sido contextualizada no capítulo introdutório, os demais elementos físicos foram identificados a partir de fontes como o Plano de Manejo e complementados com registros fotográficos e observações de campo. Em alguns casos, a identificação de elementos da paisagem foi feita de forma remota, com o uso do *Google Earth*, devido à impossibilidade de percorrer toda a extensão da serra.

Os atributos bióticos foram identificados com base em registros florísticos e faunísticos disponíveis no Plano de Manejo do parque e em pesquisas acadêmicas anteriores. A atenção foi direcionada a espécies endêmicas, ameaçadas de extinção ou com importância ecológica significativa, priorizando aquelas visíveis em campo ou citadas nas trilhas percorridas.

Já os atributos socioculturais foram caracterizados com base em dados secundários e, sobretudo, nas observações realizadas durante a segunda visita técnica ao parque, em que foram constatadas práticas simbólicas e manifestações culturais associadas ao uso público. Foram levantadas informações sobre elementos do patrimônio imaterial, como lendas vinculadas a poços e riachos, usos tradicionais da vegetação e ações de manejo participativo observadas em campo, como o plantio de bromélias para bloqueio de trilhas secundárias.

Por fim, as informações foram sistematizadas de forma a evidenciar sua contribuição para os valores ecológicos, educativos, interpretativos e culturais da UC. Essa categorização norteou a organização da seção de Resultados e Discussão, possibilitando uma compreensão

mais integrada do território e subsidiando reflexões sobre a gestão participativa, o uso público e a conservação dos atributos naturais e socioculturais do Parque Nacional Serra de Itabaiana.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos atributos físicos, bióticos e socioculturais do PARNASI foi realizada a partir da integração dos dados primários, obtidos em visitas técnicas realizadas à unidade de conservação, e dados secundários extraídos de trabalho acadêmicos, como dissertações e monografias, artigos científicos e documentos técnicos como o Plano de Manejo do parque. Para embasar a análise, foram consultadas as plataformas Google Acadêmico, Web Science, Scielo e o Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe - UFS, que subsidiaram a compreensão detalhada dos atributos.

Cada grupo de atributos foi descrito considerando sua localização espacial, suas características principais e sua relevância em relação aos objetivos deste estudo. Ademais, a elaboração de mapas temáticos possibilitou uma representação visual clara da distribuição desses elementos, ampliando o potencial interpretativo e a compreensão do papel de cada atributo dentro do contexto da área protegida. Esta abordagem integrada fortalece a análise e contribui para a proposição de estratégias adequadas de manejo e conservação do PARNASI.

4.1 Identificação dos atributos físicos

Para a compreensão e análise dos atributos físicos do Parque Nacional Serra de Itabaiana, foram consultados trabalhos acadêmicos que abordam aspectos como relevo, solo, clima, hidrografia e geomorfologia da região.

A Tabela 1 apresenta os principais trabalhos que fundamentaram esta análise, oferecendo suporte teórico e comparativo aos dados obtidos em campo.

Tabela 1: Lista de dissertações, artigos científicos, documento técnico e trabalhos acadêmicos sobre os atributos físicos

Título	Autor/A no	Palavras-cha ves	Tipo de documento	Descrição	Atributo identificado
<i>Potencialidade geoturística do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe</i>	Santos, V. C. E., 2018	Turismo, Parnasi	Dissertação	Estudo sobre solos, relevo e clima da unidade	Solo, relevo
<i>Mapeamento geológico e hidrológico do PNSI</i>	Souza et al., 2019	Hidrografia, clima, relevo, geológico	Artigo científico	Análise do relevo e recursos hídricos da Serra	Solo, relevo, hidrografia
<i>Clima e solos do Nordeste do Brasil</i>	Vicente, 1999	Clima tropical, solos, Sergipe	Artigo acadêmico	Caracterização climática e tipos de solo no entorno do parque	Solos, clima
<i>Mapeamento geomorfológico de detalhe do Parque Nacional da Serra de Itabaiana</i>	Azambuja et al., 2018	Hidrografia, clima, relevo	Artigo técnico	Análise do relevo e recursos hídricos da Serra	Hidrografia
<i>Geoprocessamento aplicado: análise morfométrica e caracterização da paisagem da Serra de Itabaiana</i>	Renata et al., 2018	Hidrografia, clima, relevo	Artigo científico	Análise do solo e recursos hídricos	Solo, hidrografia
<i>Plano de Manejo do Parque Nacional Serra de Itabaiana</i>	ICMBio, 2016	Conservação ; hidrografia; vegetação	Documento técnico	Documento oficial da gestão da unidade, que descreve os atributos físicos	Solos, relevo, hidrografia

4.1.1 Relevo, solo e clima

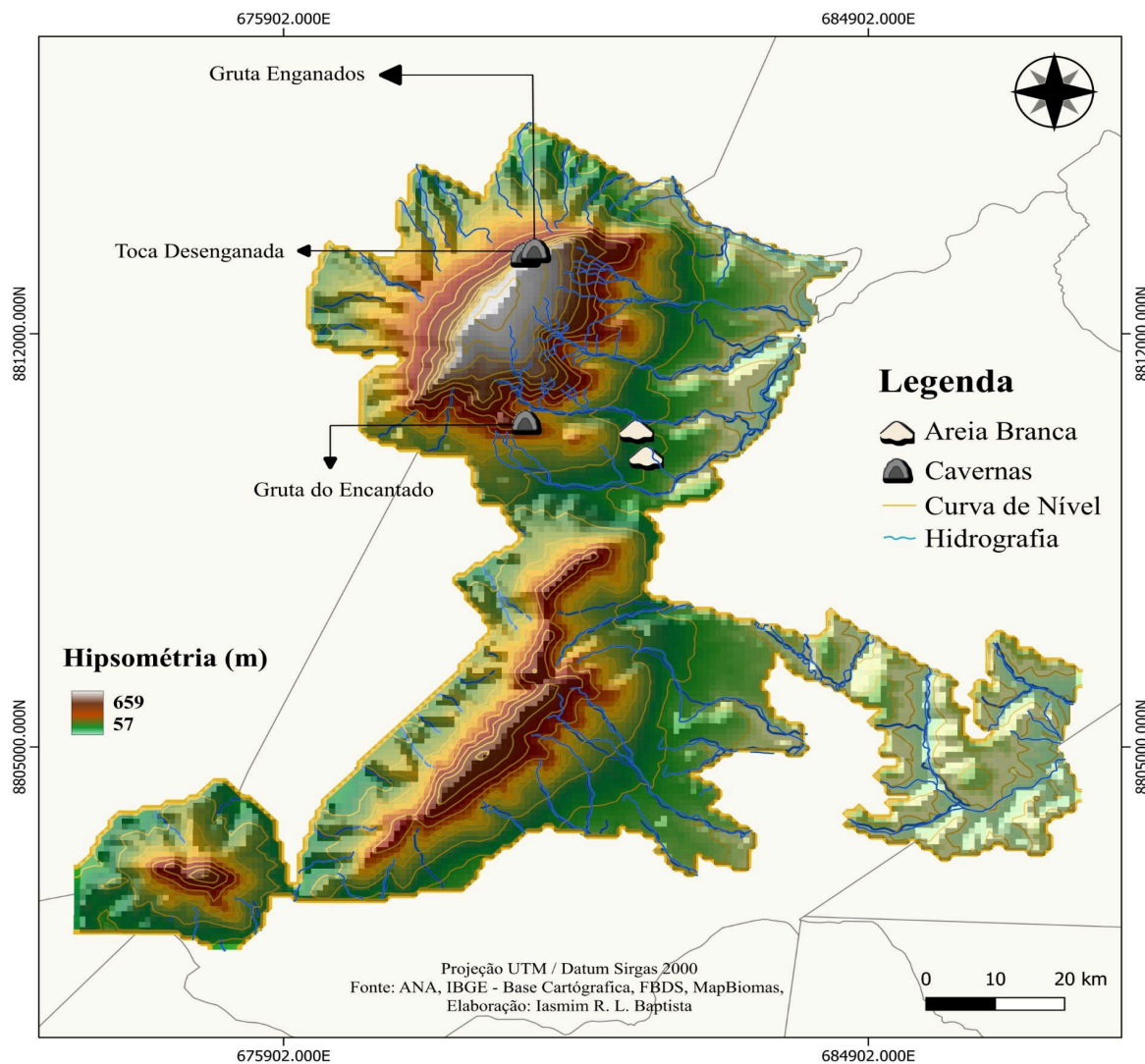


Figura 2: Identificação dos atributos físicos

Fonte: Baptista, 2025.

A figura 2 apresenta a distribuição dos atributos físicos do Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI), evidenciando elementos como relevo, áreas de areia branca, hidrografia e cavidades naturais. A hipsometria do parque varia entre 57 e 659 metros, com predomínio de relevo montanhoso, sendo o ponto mais elevado localizado no núcleo norte, conforme verificado via *Google Earth* e confirmado em campo. Essa estrutura montanhosa

reforça o enquadramento do parque como uma serra residual, caracterizada por cristas e encostas dissecadas (AZAMBUJA et al., 2018; RENATA & LIMA, 2018).

A Presença de afloramentos rochosos caracteriza a paisagem, atuando como divisores naturais das bacias hidrográficas dos rios Sergipe e Vaza-Barris e com forte gradiente altimétrico que condiciona a distribuição de formas de vertentes a de canais de drenagem (SOUZA et al., 2019).

O mapa físico destaca formações geológicas importantes, onde existem pequenas cavidades naturais, formadas em rochas de quartzo. Elas ficam no lado oeste da Serra de Itabaiana, em uma área chamada “paredão”. As cavidades são as Grutas do Encantado e dos Enganados e as Tocas Desenganadas (BRASIL, 2016). A Gruta do Encantado está situada na vertente oeste da serra, na base do paredão onde tem a mata do Encantado, na qual é acessada pelo Povoado Bom Jardim. Essas cavidades naturais ocorrem em áreas de mata fechada, frequentemente associadas a nascentes e quedas d’água. As trilhas acessam tais elementos seguindo a topografia, geralmente ao longo das linhas de cumeada, demonstrando a forte influência do relevo na circulação de visitantes e no uso público da unidade (SOUZA et al., 2019).

Durante a visita técnica, foi possível identificar topos da serra com vistas panorâmicas que funcionam como mirantes naturais, bem como formações geológicas de cavernas naturais, como é o caso da caverna na cachoeira da Gruta, onde o acesso se dá por meio da trilha da Gruta.

Formações de areia branca, principalmente entre os riachos Coqueiro e Água Fria, indicam a presença de arenitos e quartzitos, compatível com a litologia descrita por SILVA (2020). Essas feições geológicas estão relacionadas a variações edáficas observadas em campo e destacadas no Plano de Manejo do PARNASI (2016), que cita a predominância de argissolos, neossolos e planossolos. Em diversas trilhas, especialmente as mais antigas, foi registrada a presença de solos compactados e processos erosivos, levando à instalação de estruturas de contenção como parte do manejo ambiental realizado pelo parque.

Além disso, registros históricos e relatos dos funcionários apontam que algumas áreas hoje cobertas por vegetação secundária foram, no passado, utilizadas para cultivo agrícola, o que alterou a composição e a estrutura original do solo. Esses impactos são perceptíveis na paisagem atual, através da formação de capoeiras e trilhas compactadas.

O parque se localiza em uma zona de transição climática entre a faixa litorânea úmida e o agreste subúmido, com clima classificado como As’ (verão seco) segundo Köppen-Geiger. A precipitação anual média é de 1200 mm, e o índice hídrico de Thornthwaite varia de 1,3 a

-8,8 (VICENTE, 1999). Tais condições favorecem a ocorrência de nascentes e uma rede hidrográfica significativa.

Além da análise topográfica, foram identificadas e georreferenciadas trilhas no interior do PARNASI por meio da plataforma *Google Earth* com o apoio do aplicativo Avenza Maps. Essas trilhas percorrem diferentes feições do relevo, incluindo cristas e encostas, e conduzem a áreas de grande importância cênica e geográfica, como os topos da serra, mirantes naturais e formações rochosas que compõem o cenário geológico do parque.

Algumas dessas trilhas também dão acesso a cavidades naturais e pequenos abrigos sob rochas, que, além de contribuírem para a diversidade física da unidade, apresentam potencial de uso interpretativo e educativo. Algumas das trilhas identificadas foram: Véu de Noiva, Trilha Poço das Moças, Trilha da Via Sacra, Trilha do Rio das Pedras.

A disposição desses elementos no mapa físico (Figura 2) contribui para compreender a distribuição espacial dos atributos naturais e reforça o papel da topografia na organização do uso público e conservação da unidade.

4.1.2 Hidrografia

O PARNASI destaca-se pela abundância de nascentes, como mais de cem identificadas em trabalhos, e está situado no divisor de águas das bacias do Rio Sergipe, a Leste, e a do rio Vaza-Barris a oeste, onde 76% da sua rede de drenagem corre para a primeira bacia e 24% para a segunda (ICMBio, 2016). Um dos principais cursos d'água que atravessam a região do parque é o Rio Jacarecica, desempenhando um papel desempenhando papel crucial na dinâmica hídrica local.

Outro importante componente da Bacia do Rio Sergipe é a microbacia do riacho Coqueiro, que nasce na encosta sul da Serra de Itabaiana e corre pela sua encosta leste em quase toda a extensão. Nessa microbacia deságuam os riachos Água Fria, dos Negros e Coqueiro.

Durante as visitas técnicas, os riachos do Coqueiro, Água Fria e Riacho dos Negros foram georreferenciados com auxílio de aplicativos de geoprocessamento, confirmando sua relevância hidrológica na região. Entre os pontos de destaque está o Poço das Moças, associado ao Riacho dos Negros, que reúne importância ecológica e valor simbólico para comunidades do entorno. Outros corpos hídricos, como o Salão dos Negros, Cachoeira da Gruta, Cachoeira Véu de Noiva e o Poço Hidromassagem (figura 4) têm potencial para fins educativos, interpretativos e geoturísticos, como apontado por Santos et al. (2018).

Apesar de os cursos d'água da serra serem naturalmente intermitentes, foi observado que um poço artesiano alterou a dinâmica hidrológica de um riacho em específico. Essa intervenção tornou o fluxo perene, mesmo durante períodos de estiagem, modificando a vazão e garantindo a continuidade da Cachoeira da Gruta da Serra. Tal mudança influencia a disponibilidade hídrica do local e favorece o uso do espaço como ponto de visitação.

Além disso, destaca-se a importância do PARNASI como provedor de serviços ecossistêmicos, em especial o de provisão de água. As nascentes e cursos d'água do parque contribuem significativamente para o abastecimento de municípios circunvizinhos e da capital Aracaju, reforçando sua relevância socioambiental. Também conta com o suporte à biodiversidade aquática e terrestre, regulação do microclima e preservação de solos através do controle da erosão. A conservação de suas margens e do seu fluxo é fundamental para a manutenção da integridade ecológica do parque e para o bem-estar das populações humanas e da fauna e flora que dependem deste recurso hídrico.

4.2 Identificação dos atributos bióticos

O PARNASI abriga uma notável diversidade biológica, resultante da interação entre diferentes fitofisionomias, altitudes variadas e disponibilidade hídrica sazonal. A riqueza da flora e da fauna observada na unidade reflete a complexibilidade ambiental da área, que funciona como ecótono entre dois ambientes: a Mata Atlântica e a Caatinga.

A análise dos atributos bióticos do parque foi embasada em trabalhos que investigam a flora, fauna, fitofisionomia e a biodiversidade da região. A Tabela 2 compila os principais estudos acadêmicos utilizados como referência para a identificação e caracterização desses atributos, proporcionando uma base científica sólida para a interpretação dos resultados obtidos. Essa fundamentação permitiu uma análise crítica das condições ecológicas observadas durante as visitas técnicas e coleta de dados.

Tabela 2: Lista de dissertações, artigos científicos, documentos técnicos e trabalhos acadêmicos sobre os atributos bióticos

Título	Autor/A no	Palavras-chaves	Tipo de documento	Descrição	Atributo identificado
<i>Potencialidade geoturística do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe</i>	Santos, V. C. E., 2018	Turismo, ecoturismo, parnasi	Dissertação	Estudo sobre geodiversidade e o geoturismo	Atributos bióticos
<i>Caracterização da vegetação do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe - Brasil</i>	Dantas e Ribeiro, 2010	Vegetação, areias brancas, fitofisionomia	Artigo	Estudo sobre solos, relevo e clima da unidade	Atributos bióticos
<i>Derivações antropogênicas no padrão fitofisionômico do Parque Nacional Serra de Itabaiana - Sergipe</i>	Melo, 2022	Vegetação, ecótonos, fitofisionomia	Dissertação	Investigação nas alterações fitofisionômicas do Parque Nacional Serra de Itabaiana	Tipologias de vegetação, espécies indicadoras, padrões fitofisionômicos
<i>Aspectos da florística e fitossociologia do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil</i>	Reis, 2019	Fitofisionomia, unidade de conservação	Relatório	Estudo de um ano sobre a flora rupícola	Espécies endêmicas
<i>Macrófitas aquáticas do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil</i>	Almeida & Fabricantes, 2021	Hidrografia, clima, relevo	Artigo	Estudo sobre macrófitas aquáticas como bioindicadoras da qualidade de água	Flora

<i>Epífitas Vasculares do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil</i>	Araújo et al., 2019	Vegetação, Serra de Itabaiana	Artigo	Levantamento florístico das epífitas vasculares do Parnasi	Flora
<i>Floristic Inventory of Zone of Ecological Tension in the Atlantic Forest of Northeastern Brazil</i>	Mendes et al., 2010	Área de transição, Sergipe, Serra de Itabaiana, composição florística	Artigo acadêmico	Estudo apresenta um inventário florístico no Parnasi, destacando caráter ecotonal	Vegetação, flora
<i>Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit: impactos sobre a vegetação nativa do Parque Nacional Serra de Itabaiana</i>	Silva, 2022	Invasora, Serra de Itabaiana, flora	Dissertação	Estudo sobre a espécie invasora Leucaena no Parnasi	Flora
<i>Parque Nacional Serra de Itabaiana: Caracterização, estrutura e conservação da vegetação</i>	Dantas, 2008	Areias brancas, fitofisionomias, conservação da flora	Artigo	Estudo mapeado das fitofisionomias do Parnasi	Fitofisionomias principais
<i>Plano de Manejo do Parque Nacional Serra de Itabaiana</i>	ICMBio, 2016	Conservação; flora, fauna	Documento técnico	Documento oficial da gestão da unidade, que descreve os atributos físicos	Fauna, flora, vegetação, endemismo
<i>Lista atualizada da flora vascular do Parque Nacional (PARNA) Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil.</i>	Silva et al. 2019.	Coleção biológica, ecótono, florística	Artigo científico	Apresenta um checklist botânico atualizando a floresta vascular na UC, destacando ocorrência por família, espécies endêmicas, raras e ameaçadas.	Flora, endemismo
<i>Avifauna of the serra de Itabaiana National Park</i>	Silva et al. 2021	Birds, Sergipe, National Park,	Artigo científico	Inventário de aves do Parque Nacional Serra de Itabaiana, comparando registros	Fauna, avifauna, endemismo

<i>revisited: additions and deletions in a period of 15 years.</i>		Itabaiana	ornitológicos obtidos ao longo de 15 anos		
<i>Parque Nacional Serra de Itabaiana: Levantamento da Biota</i>	Carvalho & Villar, 2005	Biota, Itabaiana, flora, fauna	Relatório técnico publicado em livro	Apresenta um levantamento detalhado da biota do Parnasi	Flora, fauna

4.2.1 Fitofisionomias e vegetação

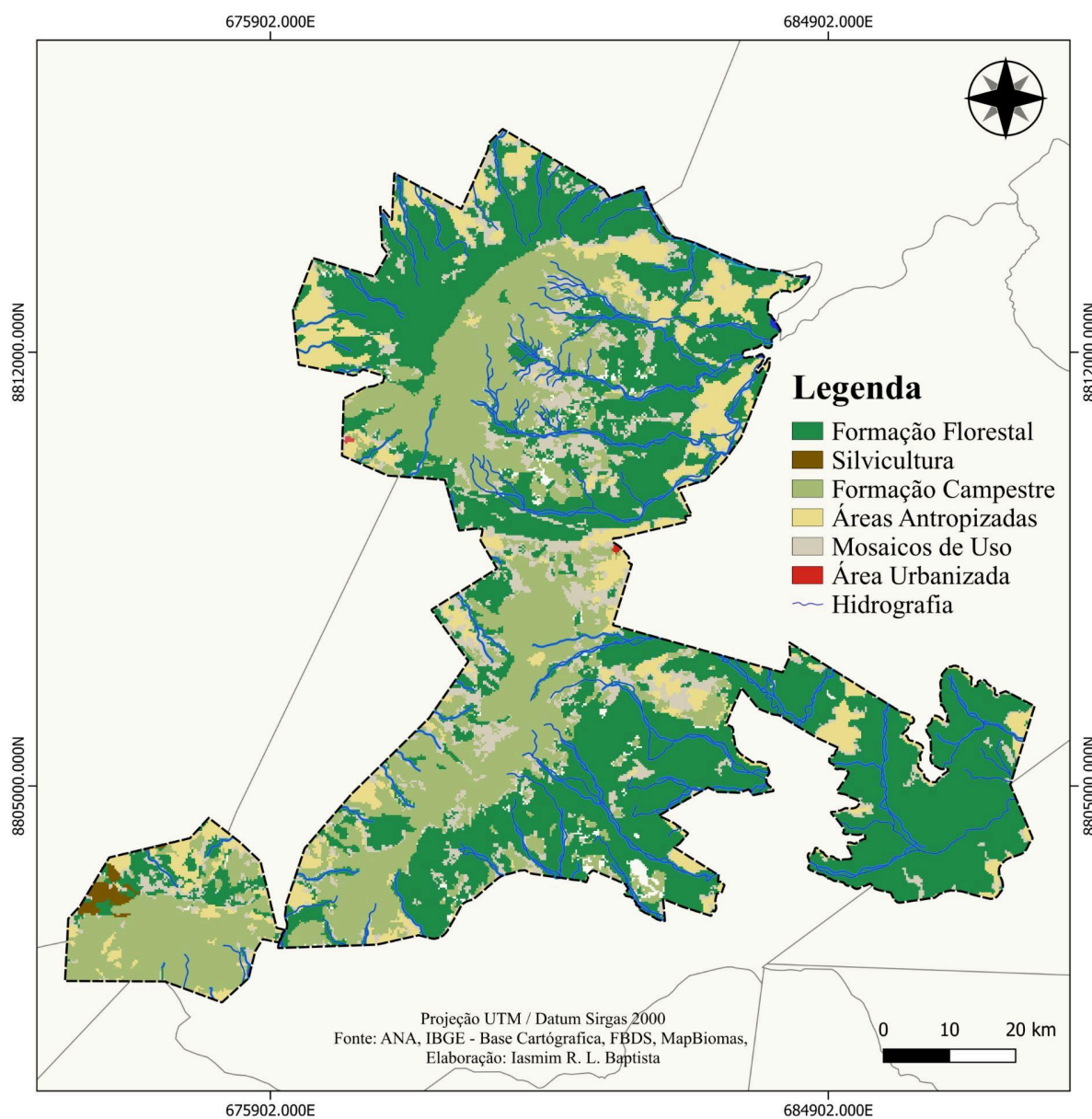


Figura 3: Mapa de vegetação

Fonte: Baptista, 2025.

A partir da análise documental de dissertações acadêmicas, associada às observações de campo realizadas em 2025, foi possível identificar uma diversidade significativa de atributos bióticos no Parque Nacional Serra de Itabaiana (PARNASI). Os principais componentes florísticos incluem formações vegetacionais típicas da transição entre Mata

Atlântica e Caatinga, com predomínio de formações florestais, campestres e mosaicos de uso (Figura 3).

O parque apresenta predominância de formações florestais, que cobrem grande parte da área central e sul, refletindo a presença de remanescentes bem preservados. As formações campestres e os mosaicos de uso se distribuem de forma mais fragmentada, indicando áreas de transição, regeneração ou manejo histórico. Áreas de silvicultura (plantação de eucalipto) foram registradas em regiões periféricas, especialmente no extremo sudoeste, enquanto áreas antropizadas e urbanizadas concentram-se nas bordas e nos limites do parque, revelando interferências antrópicas mais intensas.

A condição de transição resulta em um mosaico vegetacional ecológico rico e heterogêneo, com presença de vegetação da Caatinga, Cerrado, Floresta Estacional, Campo Rupestre, Tabuleiros e Restinga (DANTAS, 2008; MENDES et al., 2010 apud ICMBio 2016).

De acordo com Dantas (2008), a classificação fitofisionômica do parque, adotada pelo Plano de Manejo, agrupa a cobertura vegetal em três grandes categorias:

- Formações florestais, que incluem matas primárias e secundárias, com presença significativa no entorno dos domos da serra;
- Formações abertas naturais, compostas por campos gramíneos e áreas de areia branca;
- Formações abertas antropizadas, resultado de atividades humanas como cultivo, desmatamento e regeneração secundária

Durante a análise das trilhas e observações em campo, foi possível observar que em regiões com afloramentos rochosos, notou-se a predominância de espécies rupícolas e bromeliáceas. Essas últimas, inclusive, foram utilizadas estrategicamente em trechos da Trilha das Grutas para desestimular o uso de trilhas secundárias, atuando como barreiras físicas de manejo e conservação do solo, reduzindo processos erosivos e fragmentação vegetal.

As formações abertas naturais de Campos Gramíneos predominam no parque, ocupando cerca de 3.289 hectares, especialmente nas encostas dos domos da Serra de Itabaiana e da Serra Comprida. Em seguida, destacam-se as Matas, com aproximadamente 2.643 hectares, compostas majoritariamente por vegetação secundária. As áreas de Areias Brancas - área identificada durante a visita - conta com cerca de 347 hectares, está restrito à face leste das serras e é caracterizado por solos do tipo neossolo quartzarênico e vegetação arbustiva-herbácea adaptada a ambientes oligotróficos e instáveis (Dantas, 2008).

Ainda segundo Dantas e Ribeiro (2010), a distribuição de espécies vegetais obedece à disponibilidade de micro-habitats onde variam a profundidade do solo, umidade e altitude. Nas áreas secas há a predominância de Poaceae como *Axonopus sp.*, *Echinolaena inflexa* e *Pappophorum sp.* Nas áreas mais úmidas Cyperaceae (*Bulbostylis capillaris*, *Bulbostylis junciformis* e *Lagenocarpus rigidus*), Xyridaceae (*Xyris brevifolia*) e briófitas como *Sphagnum palustre* são dominantes.

Esses dados corroboram com os registros deste trabalho, especialmente nas áreas amostradas, onde se constatou a predominância de formações abertas e vegetação secundária, bem como a presença de espécies características dos campos rupestres e das matas de encosta. A comparação com os dados secundários evidencia a importância do PARNASI como refúgio florístico, sobretudo no contexto regional de perda de habitat.

4.2.2 Flora

O presente estudo, em conjunto com os dados secundários, confirma a leveza e a riqueza florística do Parque Nacional Serra de Itabaiana.

Mendes et al. (2010) identificaram 552 espécies na área da serra, número que foi ampliado por Silva et al. (2019), que registraram 828 espécies de plantas vasculares distribuídas em 124 famílias, sendo 801 Angiospermas, 26 Samambaias e Licófitas e uma Gimnosperma. Esse aumento expressivo evidencia a importância ecológica e a contínua ampliação do conhecimento sobre a flora do parque.

Entre as famílias mais diversas, destacam-se Fabaceae (73 espécies), Poaceae (65 espécies), Cyperaceae (59 espécies), Rubiaceae (40 espécies) e Asteraceae (36 espécies). Essas cinco famílias concentram parte significativa da diversidade local, refletindo padrões semelhantes a outros estudos realizados no Brasil. Considerando as dez famílias mais numerosas (incluindo Convolvulaceae, Bromeliaceae, Myrtaceae, Melastomataceae e Orchidaceae) elas somam 50,6% do total de espécies registradas, embora representem apenas 9,1% das famílias. Em contrapartida, famílias com apenas uma espécie correspondem a cerca 3% do total das espécies, indicando uma distribuição desigual de riqueza entre os grupos taxonômicos.

Entre essas famílias, a Fabaceae se destaca pela ampla ocorrência em diferentes ecossistemas de Sergipe, tanto na Mata Atlântica quanto na Caatinga, conforme observado em outros trabalhos (Mendes et al., 2010; Souza-Alves et al., 2014; Landim et al., 2015; Oliveira et al., 2016; Machado et al., 2012; Ferreira et al., 2013; Silva et al., 2013).

No PARNA, sua relevância já havia sido mencionada para a fitofisionomia de Areias Brancas (DANTAS et al., 2010). Essa predominância está associada à elevada diversidade da família no Brasil, com aproximadamente 67% de espécies endêmicas (GIULIETTI et al., 2005), além da capacidade de estabelecer simbiose com bactérias fixadoras de nitrogênio, o que favorece sua adaptação a solos pobres neste nutriente (QUEIROZ, 2009).

Em relação às Poaceae, houve um crescimento expressivo no número de registros quando comparado ao levantamento de Maciel & Alves (2011), que havia catalogado 40 espécies. O aumento é resultado da continuidade dos estudos e das expertise dos autores especializados na família, que também reportaram novas ocorrências para Sergipe, como *Apochloa lutzii*, *Ichnantghus lancifolius* e *Ocellochloa saderstromii*. Destaca-se o gênero *Paspalum*, com 19 espécies no estado, das quais 10 ocorrem no PARNA. Uma delas, *Paspalum gardnerianum* Nees, é de ocorrência restrita à unidade de conservação (MACIEL, 2013).

No das Cyperaceae, foram registradas 59 espécies distribuídas em 12 gêneros no parque, valor significativo quando comparado ao total de 101 espécies e 16 gêneros conhecidos para o estado. Essa família apresenta distribuição cosmopolita e está associada a áreas abertas e úmidas (SILVA et al, 2022), o que explica sua expressiva representatividade no levantamento.

A família Orchidaceae também se mostrou diversa na região, com 35 espécies e 18 gêneros, em um total de 68 espécies conhecidas para Sergipe (MONTEIRO et al., 2013). Entre elas, três espécies têm ocorrência restrita ao PARNASI: *Habenaria parviflora*, *Jacquinella globosa* e *Liparis vexillifera*, reforçando a importância da unidade para a conservação de orquídeas endêmicas. Já as samambaias e as licófitas contribuem com 26 espécies, o que representa 65% das 40 espécies para Sergipe. Polypodiaceae predominou com oito espécies, sendo a terceira família mais representativa da Floresta Atlântica.

Dentre as ervas, merece destaque o registro de *Utricularia costata* (Lentibulariaceae), considerada uma nova ocorrência para a região nordeste (CARREGOSA & COSTA, 2014). Em Sergipe, sua presença foi confirmada apenas no PARNASI, o que reforça a singularidade florística do local. As ervas epífitas somaram 28 espécies, com maior abundância em famílias como Bromeliaceae e Orchidaceae, seguidas por Araceae e Polypodiaceae. Já as ervas saprófitas foram menos numerosas, representadas por espécies de Burmanniaceae, Gentianaceae e Lauraceae, grupos que geralmente ocupam nichos bastante específicos em ambientes florestais.

Enquanto em relação às gimnospermas, apenas uma espécie foi registrada, *Podocarpus sellowii* Klotzsch ex Endl. (*Podocarpaceae*). Esta espécie é encontrada nas altitudes elevadas e sua população no PARNA é considerada a mais criticamente ameaçada do Nordeste, com um estimado de apenas cinco indivíduos em 2004. Apesar das observações em 2009 de uma população maior de indivíduos jovens, ela é considerada localmente rara e vulnerável à extinção do local.

Quanto ao hábito das espécies, houve um predomínio de ervas, que corresponderam a 41,2% dos registros (341 espécies). Em seguida aparecem arbustos (24,7%) e árvores (17,6%). Grupos menos frequentes foram representados por trepadeiras lenhosas (6,3%), trepadeiras herbáceas (3,5%), ervas epífitas (3,4%) e outras categorias somando 3,4%. O predomínio das ervas reflete a diversidade de ambientes presentes no parque, especialmente áreas abertas e brejos, além da distribuição de diferentes equipes pesquisa que ampliaram o esforço amostral.

Já um levantamento conduzido por Mendes et al. (2010) organizou as espécies vegetais em três categorias:

- Herbáceo-arbustivas: 187 espécies, das quais 88 eram exclusivas desse ambiente;
- Arbustivas: 304 espécies, sendo 148 exclusivas;
- Arbóreas: 247 espécies, com 59,5% de espécie e 15 famílias de ocorrência restrita a essa formação.

Durante a análise de campo, confirmou-se a predominância de formações abertas e vegetação secundária, em consonância com os dados de Mendes et al. (2010). Também foram identificadas espécies comuns às fitofisionomias de campos rupestres e matas de encostas.

Já o levantamento florístico das epífitas conduzido por Araújo, Santos & Fabricante (2019) identificou 47 espécies distribuídas em 10 famílias, com elevado número de táxons exclusivos (endemismos regionais), indicando a relevância biológica única da unidade (ARAÚJO et al., 2019).

Estudos específicos também ampliaram o conhecimento sobre a flora local. Reis (2019) inventariou 89 espécies rupícolas em 40 famílias, com destaque para *Orchidaceae* e *Bromeliaceae*. Almeida & Fabricante (2021) registraram 63 espécies de macrófitas aquáticas, evidenciando sua relevância como bioindicadoras da qualidade hídrica. Por outro lado, Silva et al. (2022) destacaram os impactos negativos da espécie invasora *Leucaena leucocephala*, que reduz significativamente a diversidade da vegetação nativa, apontando para a necessidade de estratégias de manejo.

Assim, a flora do PARNASI demonstra não apenas elevada riqueza, mas também grande representatividade de endemismos, espécies raras e ameaçadas, distribuídas em diferentes fitofisionomias. Esse cenário reforça o papel do parque como um dos principais refúgios florísticos de Sergipe e como área estratégica para conservação e manejo da biodiversidade.

4.2.3 Fauna

Os dados sobre a fauna foram obtidos a partir do Plano de Manejo (ICMBio, 2016) e de estudos acadêmicos recentes, os quais evidenciam a expressiva diversidade de aves, mamíferos, anfíbios, répteis e invertebrados, incluindo espécies endêmicas e ameaçadas.

Estudos iniciais sobre a fauna do PARNASI abordavam temas restritos, como habitats e alimentação de lagartos, diversidade de artrópodes de solo, micro-habitats de aranhas e descrição de *Nothroctenus fuxico* (CARVALHO; VILAR, 2005). Contudo nas últimas duas décadas, novos trabalhos ampliaram substancialmente esse panorama, trazendo investigações sobre reprodução, distribuição geográfica, impactos antrópicos sobre a fauna, além de registros atualizados de espécies endêmicas e ameaçadas, o que fortalece o conhecimento científico sobre a biodiversidade local.

A avifauna é o grupo mais estudado do parque. Souza (2019) contabilizou 205 espécies distribuídas em 17 ordens e 42 famílias, número que corresponde a mais da metade das espécies conhecidas para o estado de Sergipe. No entanto, algumas divergências em relação a esses registros são apontadas, já que o Plano de Manejo do parque apresenta espécies sem documentação confirmada para a área. Em revisão mais recente, Silva et al. (2022) atualizaram a lista de aves, incluindo novos registros, espécies ameaçadas e endêmicas, embora ressaltem que algumas populações podem já estar reduzidas ou até extintas localmente em razão da fragmentação de habitat e da caça ilegal.

Os mesmos autores relatam aumento de espécies. A lista atualizada de 2020 inclui 227 espécies de aves pertencentes a 49 famílias, um número consideravelmente maior em comparação com as 123 espécies registradas na primeira lista de 2005. Esse aumento representa a adição de 104 novas espécies ao primeiro levantamento. Houve um aumento significativo tanto no número de espécies quanto no número de famílias de aves registradas para o PARNASI entre 2005 e 2020.

Esses números mostram uma grande relevância para a avifauna de Sergipe, uma vez que, as 227 espécies correspondem a 33,2% da avifauna total de Sergipe (682 espécies). Essa riqueza é superior à de outras áreas de conservação importantes no estado, como o Refúgio de

Vida Silvestre Mata do Junco (129 espécies) e o Monumento Natural Grota do Angico (140 espécies), reforçando a importância do PARNASI para a conservação da avifauna sergipana (SILVA et al. 2022)

A riqueza da fauna do parque está associada à diversidade de habitats e à condição ecotonal do parque. Aves generalistas, como *Nothura maculosa*, são observadas em áreas antropizadas, enquanto remanescentes florestais preservam espécies associadas à Mata Atlântica (SOUSA, 2019). Importante destacar que espécies como *Vanellus chilensis* e *Crotophaga ani* não ocorrem nas áreas abertas naturais do parque, mas sim em clareiras e espaços antropizados, resultado de ações humanas.

Quanto aos mamíferos, foram registradas 34 espécies, sendo 19 não voadoras, como *Sylvilagus brasiliensis*, *Callithrix jacchus*, *Cuniculus paca* e *Mazama sp.* (OLIVEIRA et al., 2005). As demais 16 espécies são morcegos, principalmente frugívoros e nectarívoros, indicando sua relevância ecológica na dispersão de sementes e polinização. Ainda há lacunas no conhecimento sobre esse grupo, o que pode resultar em subestimação da riqueza real. Espécies de maior porte são particularmente vulneráveis à caça e à fragmentação de habitat, e sua ausência pode sinalizar extinções locais

A herpetofauna compreende 54 espécies no total, sendo 23 de anfíbios e 31 de répteis. Entre os anfíbios, destacam-se *Allobates olfersioides* e *Phyllomedusa bahiana*, considerados deficientes em dados pela IUCN. Já os répteis incluem o jabuti *Chelonoidis carbonaria*, lagartos como *Tropidurus hygomi* e serpentes como *Micrurus ibiboboca* e *Bothrops leucurus*. Algumas espécies, como o calango *Tropidurus semitaeniatus*, são afetadas indiretamente pela coleta de plantas das quais se alimentam, como o cacto *Melocactus violaceus* (ICMBio 2016). Estudos mais recentes sobre os répteis de Sergipe (LIMA et al., 2022) reforçam a necessidade de intensificar amostragens para reduzir lacunas de conhecimento sobre esse grupo.

Michelette (2005) e Silveira & Mendonça (2005) relatam que a fauna invertebrada, embora pouco estudada, inclui pelo menos 38 espécies de abelhas identificadas até o nível de gênero, enquanto novos trabalhos ampliaram o conhecimento para ordens como Odonata e Lepidoptera, revelando espécies inéditas para Sergipe, algumas ameaçadas de extinção. A presença da espécie exótica *Apis mellifera* em todos os ambientes do parque representa uma ameaça à fauna nativa, enquanto abelhas como *Melipona scutellaris* continuam sendo manejadas pelas comunidades do entorno, com importância ecológica e socioeconômica.

As principais ameaças à fauna do PARNASI incluem caça, atropelamentos (especialmente na BR-235), perda de habitat por expansão agropecuária, urbanização, mineração e introdução de espécies exóticas. Outras pressões relevantes são a retirada de solo

para obras e a instalação de torres de transmissão, que fragmentam habitats e afetam a conectividade da fauna. Essas informações encontram respaldo em Sobral et al. (2007) e no Plano de Manejo do PARNASI (ICMBio, 2016), que destacam a necessidade de monitoramento contínuo para mitigar esses impactos.

Embora diversas espécies endêmicas e ameaçadas tenham sido identificadas nos estudos de base (trabalhos utilizados), a localização espacial dessas ocorrências não foi representada no mapa por recomendação da gestão do PARNASI, a fim de evitar a exposição das espécies à caça ilegal. A fauna, embora dispersa por toda a serra, apresenta registros mais específicos em áreas próximas à sede do parque, conforme relatado pelos profissionais locais e trabalhos acadêmicos analisados. Essa decisão de não mapeamento espacial direto visa preservar a integridade ecológica e a segurança das populações faunísticas presentes.

4.2.4 Flora: novas ocorrências, espécies ameaçadas e endêmicas

Um estudo de Mendes et al. (2010) listou 550 espécies vegetais na Serra de Itabaiana, dentre elas, quatro espécies da flora ameaçadas de extinção, a bromélia *Cryptanthus zonatus* e o cacto cabeça-de-frade *Melocactus violaceus* (ambos vulneráveis), além de *Tetragastris ochioni* e *Pouteria macahensis* (ambas em perigo de extinção). Espécies raras e endêmicas da fitofisionomia herbáceo-arbustiva, como *Habenaria meeana*, também são encontradas.

O mesmo autor destacou que a espécie *Podocarpus sellowii*, uma conífera relictada do Nordeste brasileiro e ameaçada globalmente segundo a IUCN, apresenta uma população significativa no interior do PARNASI. Sua ocorrência é um indicativo de que a floresta estacional presente na região foi, no passado, mais representativa. Essa espécie também é mencionada no estudo de Silva et al., (2019), como criticamente ameaçada no Nordeste, localmente rara e vulnerável à extinção local.

Dantas e Ribeiro (2010) ressaltaram a presença de espécies endêmicas associadas a ambientes específicos, como formações de areias brancas e campos rupestres, que reforçam a singularidade ecológica do parque. Ainda que não tenham detalhado espécies ameaçadas, essas formações vegetacionais contêm flora especializada que demanda conservação específica. O trabalho de Araújo et al. (2019) também complementa essa análise ao indicar a presença de epífitas exclusivas do bioma Mata Atlântica, ampliando a importância ecológica do parque.

Espécies ornamentais, como orquídeas (ex: *Sobralia liliastrum*, símbolo da antiga Estação Ecológica de Itabaiana) e outras bromeliáceas, além da mangabeira (*Hancornia*

speciosa), fruta símbolo de Sergipe, estão sob pressão de coleta e corte ilegal para uso como combustível, especialmente em casas de farinha.

O levantamento de Silva et al. (2019) registrou 170 novas ocorrências de espécies para o Estado de Sergipe, onde consta uma nova espécie para a ciência, a *Varronia johnstoniana* J.I.M & D.D.Vieira (Boraginaceae), e a ocorrência exclusiva de *Aspilia itabaianense* J.U. Santos, endêmica do PARNASI. Entre as espécies raras destacam-se *Chamaescrita cytisoides*, (DC. ex Collad.) H.S. Irwin & Barneby, *Cissus pinnatifolia* Lombardi, *Griffinia espiritensis* Ravenna, *Lantana gracilis* T.Silva, *Monteverdia opaca* (Reissek) Biral e *Spermacoce decipiens* (K.Schum.) Kuntze.

Ainda segundo Silva et al. (2019), foram registradas espécies em diferentes categorias de ameaça.

- Em perigo (EN): *Griffinia espiritensis*, *Pouteria macahensis* e *Protium occhioni* Rizzini;
- Quase ameaçadas (NT): nove espécies, entre elas *Byrsonima bahiana* e *Catasetum uncatum*;
- Vulneráveis (VU): *Allagoptera brevicalyx*, *Cedrela odorata* e *Cryptanthus zonatus*.

A maioria das espécies não foi avaliada quanto à ameaça de extinção.

Espécies endêmicas também foram registradas:

Além disso, o parque abriga 80 espécies endêmicas da Mata Atlântica (11,5% do total), incluindo *Annona salzmännii*, *Blepharodon costae*, *Cryptanthus sergipensis* e *Kielmeyera argentea*. Outras 13 espécies são endêmicas da Caatinga (0,6% do total), como *Croton grewioides*, *Paspalum scutatum* e *Ruellia asperula*. A presença de espécies comuns a ambos os biomas reforça a classificação da serra como ecótono.

Silva (2022) relata que pressões antrópicas, como o avanço da agropecuária, desmatamento, queimadas e o uso de agrotóxicos, continuam a impactar negativamente os habitats do PARNASI. A introdução de espécies exóticas invasoras, como *Leucaena leucocephala*, já foi registrada como ameaça à flora nativa.

A localização do Parque Nacional Serra de Itabaiana em uma região de ecótono entre os domínios fitogeográficos Mata Atlântica e Caatinga é fundamental para essa alta diversidade, permitindo a coexistência de espécies de ambos os biomas e a presença de diferentes tipos vegetacionais devido à transição climática e altitude. Isso sublinha a importância biológica do local e seu papel na conservação da biodiversidade em Sergipe.

As espécies endêmicas e ameaçadas identificadas no Parque Nacional Serra de Itabaiana foram sistematizadas em uma lista detalhada, apresentada no **Anexo A**, a fim de complementar as análises e facilitar futuras consultas.

4.2.5 Fauna: novas ocorrências, espécies ameaçadas e endêmicas

Como citado anteriormente, em relação à avifauna, o estudo de Silva et al. (2022) adicionou 104 novas espécies à primeira lista produzida para o PARNASI em 2005, elevando a representatividade do parque em nível estadual. Entre as espécies incorporadas na nova lista, destacam-se a coruja-diabo (*Asio stygius*), a identificação desta espécie foi feita a partir de dois ovos encontrados no parque por residentes locais e levados ao Instituto Parque dos Falcões, onde os filhotes nasceram e se desenvolveram; e o urutau-gigante (*Nyctibius grandis*), constituindo o primeiro registro da espécie em Sergipe.

A diversidade avifaunística do PARNASI inclui espécies ameaçadas de extinção, registros de espécies amazônicas, como *Myrmotherula axillaris*, e endemismos, incluindo *Porphyrospiza caerulescens*, típico do Cerrado. Esse conjunto evidencia o papel do parque como zona de contato biogeográfico, reforçando sua relevância para a conservação (SILVA et al., 2022).

No total, 14 espécies de aves (6,2%) estão ameaçadas de extinção, de acordo com as listas do ICMBio (2018) e IUCN (2020). As espécies identificadas no estudo de Silva et al. (2022) são: *Penelope superciliaris* (Temminck, 1815): Criticamente Em Perigo (CR); *Penelope jacucaca* (Spix, 1825): Vulnerável (VU); *Ortalis guttata* (Spix, 1825): Criticamente Em Perigo (CR); *Spizaetus ornatus* (Daudin, 1800): Quase Ameaçada (NT); *Pulsatrix perspicillata* (Latham, 1790): Vulnerável (VU); *Thalurania watertonii* (Bourcier, 1847): Em Perigo (EN); *Ramphastos vitellinus* (Lichtenstein, 1823): Vulnerável (VU); *Herpsilochmus pectoralis* (Sclater, 1857): Vulnerável (VU); *Thamnophilus caerulescens* (Vieillot, 1816): Vulnerável (VU); *Pyriglena atra* (Swainson, 1825): Em Perigo (EN); *Xenops minutus* (Sparrman, 1788): Vulnerável (VU); *Platyrinchus mystaceus* (Vieillot, 1818): Vulnerável (VU); *Porphyrospiza caerulescens* (Wied, 1830): Quase Ameaçada (NT) e *Spinus yarrellii* (Audubon, 1839): Vulnerável (VU).

O PARNASI abriga espécies endêmicas de diferentes biomas, devido à sua localização em uma zona de transição (ecótono) entre a Mata Atlântica e a Caatinga. O estudo reporta um total de 18 espécies endêmicas, sendo nove da Caatinga, oito da Mata Atlântica e uma do Cerrado. As espécies identificadas como endêmicas são: **Endêmicas da Caatinga (8 espécies):** *Penelope jacucaca* (Spix, 1825); *Picumnus pygmaeus* (Lichtenstein, 1823);

Herpsilochmus pectoralis (Sclater, 1857); *Pseudoseisura cristata* (Spix, 1824); *Icterus jamacaii* (Gmelin, 1788); *Agelaioides fringillarius* (Spix, 1824); *Paroaria dominicana* (Linnaeus, 1758); *Sporophila albogularis* (Spix, 1825). **Endêmicas da Mata Atlântica (8 espécies):** *Ortalis guttata* (Spix, 1825); *Cathartes burrovianus* (Cassin, 1845); *Thalurania watertonii* (Bourcier, 1847); *Thalurania glaucopsis* (Gmelin, 1788); *Platyrrinchus mystaceus* (Vieillot, 1818); *Myiornis auricularis* (Vieillot, 1818); *Hemitriccus nidipendulus* (Wied, 1831); *Hylophilus amaurocephalus* (Nordmann, 1835). **Endêmica do Cerrado (1 espécie):** *Porphyrospiza caerulescens* (Wied, 1830).

Em relação à herpetofauna, o estudo de Lima et al. (2022) relata a ocorrência da *Acratosaura mentalis*, uma espécie de lagartixa (Gymnophthalmidae). O estudo mostra uma espécime de *Acratosaura mentalis* registrado na Bahia, mas o texto confirma seu registro no PARNASI em Itabaiana. Ainda segundo os mesmos autores, duas espécies de lagartos registrados no PARNASI são de particular interesse para a conservação. *Tropidurus hygomi*: é categorizada como Vulnerável (VU) na Lista Vermelha Brasileira (ICMBio, 2018) e foi incluída no Plano de Ação Nacional para a Conservação da Herpetofauna do Nordeste. E *Glucomastix itabaianensis*, lagarto endêmico da região que corre risco de extinção devido à fragmentação de habitats naturais.

Um grupo de pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) realizaram um estudo onde constatam que o *Allobates olfersioides* está classificado como “menor preocupação” na lista vermelha de espécies ameaçadas de extinção da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) (JULIÃO, 2025).

Silva et al. (2022) relata em seu estudo que o lagarto *Tropidurus hygomi* é uma espécie ameaçada de extinção, tendo sido recentemente categorizada como vulnerável no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (BRASIL, 2018). O trabalho destaca que a ameaça à sua existência está intimamente ligada às pressões antrópicas que afetam as áreas de Restinga, seu habitat natural.

Carvalho e Villar (2005), relatam que mais da metade da herpetofauna (34 espécies) depende de áreas abertas para sobreviver. Onde 21 espécies vivem na mata e a densidade de lagartos e anfíbios nas áreas de areias brancas é maior do que na mata.

Espécies que ocorrem tanto na Caatinga quanto na Mata Atlântica no domo incluem os anfíbios *Corythomantis greeningi*, *Phyllomedusa bahiana*, *Leptodactylus troglodytes*, *Pleurodema diplolistris* e *Physalaemus albifrons*, além do geconídeo *Coleodactylus meridionalis* e do elapídeo *Micrurus ibiboboca*.

Quanto aos mamíferos, Carvalho e Villar (2005) registraram 12 espécies não voadoras, a maioria associada a habitats florestais. Espécies de grande porte ameaçadas de extinção também ocorrem na área, como o gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*), o tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*) e o ouriço-preto (*Chaetomys subspinosus*), todas classificadas como vulneráveis. Dois primatas endêmicos da Mata Atlântica - o guigó-de-Sergipe (*Callicebus coimbrai*) e o macaco-prego-de-peito-amarelo (*Sapajus xanthosternus*) - são considerados criticamente ameaçados pela IUCN e encontram na serra um importante refúgio. Além deles, foram registradas 16 espécies de morcegos pertencentes a três famílias, cuja distribuição entre habitats abertos e florestais confirma a função ecológica desses animais na dispersão de sementes e na polinização.

No caso da fauna, a listagem das espécies endêmicas e ameaçadas, compilada a partir de dados secundários e registros de campo, encontra-se no **Anexo A**, servindo como referência para pesquisas e ações de manejo.

4.3 Identificação dos atributos socioculturais

A identificação dos atributos socioculturais no PARNASI baseou-se em visitas técnicas, informações dos funcionários da unidade e na análise de dissertações acadêmicas que abordam os aspectos culturais, históricos e sociais relacionados ao parque e seu entorno. A sistematização dessas produções, apresentada na Tabela 3, permite compreender como diferentes autores abordaram as relações entre o território protegido e as comunidades, contribuindo para o reconhecimento e valorização dos saberes locais no contexto da conservação ambiental

Tabela 3: Lista de dissertações, artigos científicos, documentos técnicos e trabalhos acadêmicos sobre os atributos socioculturais

Título	Autor/Ano	Palavras-chaves	Tipo de documento	Descrição	Atributo identificado
<i>Potencialidade geoturística do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe</i>	Santos, V. C. E., 2018	Turismo, patrimônio geológico, Parnasi	Dissertação	Caracteriza a geodiversidade do Parnasi e analisa seu potencial geoturístico com base em atributos culturais	Lendas e manifestações religiosas
<i>O parque Nacional Serra de Itabaiana em Sergipe e a relação socioambiental com os moradores dos povoados no entorno</i>	Souza, 2019	Parque Serra de Itabaiana, Unidade de conservação, conhecimento	Dissertação	Estudo sobre a relação socioambiental entre o Parnasi e as comunidades vizinhas	Representações socioambientais
<i>Itabaiana, nosso lugar. Quatro séculos depois</i>	Bispo, 2013	Itabaiana, histórico, cultural	Livro	Obra documental narrando a história de Itabaiana	Lendas
<i>Unidades de conservação: Parque Nacional Serra de Itabaiana sob enfoque jurídico</i>	Cunha, 2008	Unidades de conservação, Serra de Itabaiana	Monografia	Detalha as lendas do Parnasi	Lendas e manifestações
<i>Plano de Manejo do Parque Nacional Serra de Itabaiana</i>	ICMBio, 2016	Conservação; lendas; religião	Documento técnico	Documento oficial da gestão da unidade, que descreve os atributos socioculturais	Lendas, manifestações, práticas religiosas
<i>Rezadeiras de Itabaiana/SE : entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura</i>	Oliveira, 2014	Religião, popular, Itabaiana	Dissertação	Estudo etnográfico acerca dos trabalhos religiosos exercidos pelas rezadeiras na cidade de Itabaiana/SE	Crenças religiosas

A dimensão sociocultural do Parque Nacional Serra de Itabaiana tem sido objeto de estudos que destacam as relações entre o parque e as comunidades do entorno, práticas tradicionais e manifestações culturais. Adicionalmente, lendas locais e a espiritualidade associada à serra reforçam a importância do reconhecimento dos valores imateriais.

Santos (2018) relata em sua dissertação que o contexto histórico e as tradições religiosas inseridas dentro no PARNASI e sua vizinhança, caracterizam o acervo cultural da região, que se conectam com o patrimônio geológico. A conexão dessas relações culturais com o patrimônio se dá, pois os aspectos fisiográficos e naturais auxiliaram na origem do nome Itabaiana, que segundo Bispo (2013) apud ICMBio (2016), nasce da expressão indígena It'aba'ü'one, que significa, “serra morada dos homens de onde vêm as águas”.

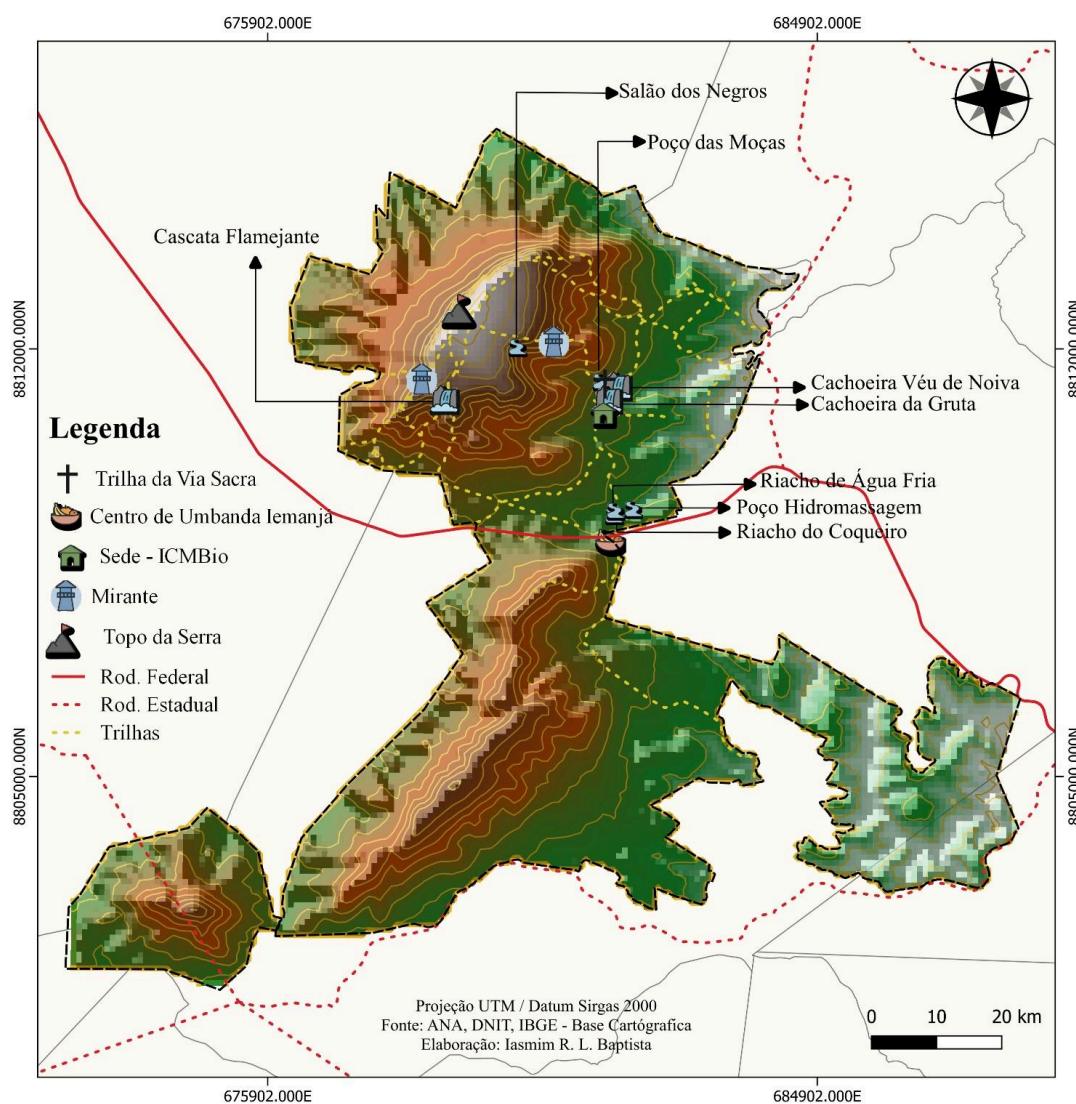


Figura 4: Identificação dos atributos socioculturais**Fonte:** Baptista, 2025.

A figura 4 representa os atributos socioculturais identificados no parque. O mapa inclui elementos culturais diretos, como o Centro de Umbanda Iemanjá e a Trilha da Via Sacra. Também representou a hidrografia local (riachos e poços), associados a práticas religiosas, crenças populares e lendas locais.

A presença da hidrografia no mapa, embora seja, em essência, um atributo físico, justifica-se pela sua estreita relação com o universo simbólico e ritualístico das comunidades locais. Os riachos, como o Riacho do Coqueiro e o Riacho de Água Fria, bem como os poços e cachoeiras, são locais que frequentemente aparecem em narrativas lendárias e são usados em rituais de banho, práticas de cura, oferendas e espiritualidade - elementos característicos das religiões afro-brasileiras e de cultos sincréticos presentes no entorno do parque (SANTOS, 2019).

As trilhas, como a da Via Sacra e outras rotas de acesso marcadas no território, cumprem papel central na expressão cultural do espaço. Essas trilhas não servem apenas para deslocamento físico, mas também simbolizam percursos espirituais, romarias, e conexões entre pontos de significado histórico, religioso e identitário para os frequentadores e comunidades do entorno. Segundo relatos coletados em visita técnica e em dissertações analisadas, muitas dessas trilhas são utilizadas em momentos específicos do ano, como a Semana Santa, quando a Trilha da Via Sacra é palco de peregrinação e encenações religiosas.

4.3.1 Práticas religiosas, manifestações culturais e simbolismo

Estudos como os de Santos (2018) e Souza (2019) destacam a importância da espiritualidade do PARNASI, com práticas religiosas que incluem oferendas em riachos e cachoeiras, e a tradicional Via-Sacra, antiga peregrinação associada à Semana Santa e ao Dia dos Finados (CUNHA, 2008). Oliveira (2014) estudou o papel das rezadeiras em Itabaiana, destacando a prática de cura vinculadas a elementos simbólicos como água, óleo, ramos e orações em espaços muitas vezes informalmente sagrados.

Conforme foi identificado, várias trilhas no PARNASI são associadas a práticas religiosas e simbólicas. Essas trilhas representam uma infraestrutura sociocultural que se sobrepõe à topografia: percorrem vertentes e vales formados pelos domos residuais do relevo, relevando a intersecção entre o patrimônio geológicos e os significados humanos associados

Durante a visita técnica, nos ambientes hídricos do parque, observou-se que os Riachos do Coqueiro, Água Fria e dos Negros, Cachoeira da Gruta, Cachoeira Vêu de Noiva, Cascata Flamejante (figura 4), são espaços utilizados como locais de oferendas. Foram registradas oferendas espontâneas colocadas por visitantes, como flores, velas, frutas e objetos simbólicos - práticas que demonstram vivências religiosas em contato com os atributos físicos do local (água, pedras). A dissertação de Santos (2018) sobre geodiversidade do PARNASI identifica interações entre geologia e manifestações simbólicas, com grande potencial para geoturismo e comunhão cultural.

Também se observou na sede do ICMBio (figura 4) um altar ecumênico dedicado a celebrações católicas e tradições de matrizes africanas. Conforme relatos de funcionários, há intenções de abrir um espaço também para manifestações indígenas - não limitando essas manifestações às “lendas indígenas”, mas reconhecendo-as também como religião.

Souza (2019), na dissertação de mestrado sobre a relação entre comunidade e PARNASI, destaca que a presença das manifestações reforça a identidade local e pode fomentar maior assinatura com os processos de manejo participativo. Já Oliveira (2014) afirma que essas manifestações ocorrem em áreas com características físicas específicas como vales sombreados e solos arenosos, que servem de suporte simbólico e espiritual.

Existe uma influência físico-ambiental nos usos culturais. O relevo montanhoso, os solos arenosos e a presença de riachos em vales sombreados criam microambientes para rituais e peregrinações, como por exemplo: trilhas que contornam os domos residuais conduzem os visitantes até mirantes e poços sagrados; áreas com solo de areia branca (quartzo) são frequentemente associadas a locais de oferendas e silêncio reverente; a via-sacra foi realizada em encostas suaves próximas a pontos cultuados, aproveitando relevo e vegetação como suporte simbólico.

Descrita no Plano de Manejo, a Via-Sacra tem um significado histórico-cultural e religioso. Cunha (2008) a descreve como uma das apropriações mais tradicionais do espaço da serra, sendo realizada na Semana Santa e também em novembro, para a celebração dos finados. Oliveira (2014) menciona que as romarias da Via Sacra são uma tradição que remonta à década de 1930. A Via Sacra possui uma trilha que se inicia no Poço das Moças e segue em direção ao Cruzeiro e Capela no topo da Serra.

Antigamente, os fiéis que subiam a Serra durante a Via Sacra queimavam a vegetação ao longo das trilhas. No entanto, há cerca de três anos antes da publicação do plano (2016), o trajeto da Via Sacra foi reduzido, passando a ser do Portão Principal até o Poço das Moças, onde há uma área com cruzeiros para que os padres celebrem uma Missa. Registros de

Via-Sacra (prática anterior, descontinuada) foram relatados; permanece, contudo, o valor simbólico da serra como espaço de peregrinação.

4.3.4 Lendas

O PARNASI não é reconhecido apenas por sua relevância ecológica e geológica, mas também é um território simbólico carregado de significados culturais e espirituais para as comunidades do seu entorno. A presença de lendas e mitos ligados à Serra evidencia uma dimensão imaterial do território que reforça seu valor como patrimônio cultural. A região é permeada por narrativas populares transmitidas oralmente entre gerações, revelando aspectos da religiosidade, da resistência e da relação afetiva entre os moradores e a paisagem serrana.

Durante a visita técnica e a análise documental, foram identificadas lendas vinculadas à Serra, as quais já haviam sido documentadas por autores como Bispo (2013) e Cunha (2008). Dentre elas estão: a lenda do Poço das Moças; lenda do Carneiro de Ouro; a lenda de Sabarabuçu; a lenda de Santo Antônio Fuião; Ita, a baiana e Mbuçarãe.

A lenda do Poço das Moças (figura 4) constitui uma narrativa emblemática da Serra, amplamente documentada e presente em diferentes versões. De acordo com a Prefeitura de Itabaiana (2021), existem três versões:

1. Um morador viu duas moças se banhando e depois desaparecidas sem vestígios;
2. Mulheres iam ao poço apenas para lavar as roupas e se banhar; por serem todas mulheres, o local ganhou o nome;
3. Mulheres perderam a virgindade ao entrarem no poço e contavam isso aos familiares, gerando o apelido popular.

A lenda do Carneiro de Ouro, relatada por Bispo (2013), narra que um carneiro encantado atrai aventureiros pela cobiça. Ao persegui-los, os caçadores acabam conduzindo às fendas abruptas da serra e desaparecem misteriosamente - seus corpos jamais foram encontrados. Essa narrativa revela elementos de alerta moral e respeito à natureza, comuns em mitos de montanha, e se assemelha a relatos de encantamento observados em outras unidades de conservação, como a Pedra da Boca (PB), onde personagens míticos também guardam tesouros e punem a ambição humana (SANTOS, 2019).

Essa multiplicidade de narrativas sinaliza a riqueza do imaginário cultural associado ao local. Como comparativo, embora não seja de Sergipe, o estudo sobre a lenda do Poço da Moça em Abaetetuba (PA), de Nascimento et al. (2017), demonstra que essas narrativas mobilizam o turismo comunitário e a identidade do local, tornando-se parte integrante da memória e da economia simbólica da comunidade.

Outro exemplo, a história da Sabarabuçu, descreve uma explosão mística que dispersou pepitas de ouro, causada pela profanação dos espíritos naturais por exploradores brancos. A narrativa pode ser interpretada como uma crítica simbólica à exploração predatória dos recursos naturais, reforçando a função da lenda como instrumento de resistência cultural, onde as lendas operam como “guardas simbólicos” das matas e das águas.

De acordo com Cunha (2008) e Bispo (2013), uma imagem de Santo Antônio era levada por fiéis de uma antiga igreja até um pé de quixabeira, situado na propriedade do senhor Ayres da Rocha. A lenda, no entanto, relata que o Santo se recusava a permanecer na antiga igreja e, misteriosamente, fugia todas as noites, sendo sempre encontrado debaixo da mesma árvore. Como resposta a esse fenômeno, construiu-se a atual Igreja Matriz de Santo Antônio e Almas de Itabaiana, ao lado da quixabeira. Como em outras regiões nordestinas, a fé popular se entrelaça com o espaço físico, reconfigurando o território como lugar sagrado (ALMEIDA, 2016).

Já a origem do nome “Itabaiana”, atribuída à índia Ita, que dançava e encantava o povo, evidencia um esforço simbólico para resgatar a identidade ancestral e indígena da região, mesmo que envolta em um véu de oralidade e lúdico.

Segundo Bispo (2013), Mbuçarãe foi assassinada por seu esposo e, de suas lágrimas, teria surgido a Lagoa do Forno. A região onde ocorreu o crime ficou conhecida como Mondé (mais tarde Mundés e, atualmente, Rio das Pedras).

Assim, percebe-se que essas narrativas cumprem funções que vão além do entretenimento: elas preservam a memória coletiva, reforçam a identidade local, orientam comportamentos e fortalecem a noção de pertencimento ao território. Comparando com outras unidades de conservação estudadas na literatura, como os casos apresentados por Silva (2020) no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO), as lendas constituem um ativo simbólico relevante, podendo ser integradas a práticas de educação ambiental, interpretação ambiental e turismo de base comunitária.

4.4 Estrutura do parque

A estrutura física de manejo do PARNASI é composta por um conjunto de instalações e equipamentos que visam garantir a conservação dos recursos naturais, o apoio às atividades de fiscalização, pesquisa, educação ambiental e o atendimento aos visitantes. Durante a visita, foram observadas diversas infraestruturas importantes para o manejo da unidade.

Quadro 1: Lista de infraestruturas de manejo identificadas na unidade.

Infraestruturas de manejo	Descrição
Sede administrativa e Centro de Visitantes	Localizados na entrada do parque, esses espaços funcionam como pontos de apoio para a gestão, recepção e orientação do público, abrigando áreas de administração, salas para reuniões, exposições e apoio logístico.
Trilhas e sinalização:	O parque dispõe de trilhas sinalizadas, permitindo o acesso controlado às áreas de visitação e aos atrativos naturais, como mirantes, cachoeiras e cavernas. Durante as caminhadas, foram observadas placas informativas e sinalização de segurança, que contribuem para a orientação dos visitantes e minimizam impactos ambientais.
Estruturas de contenção de erosão:	Em áreas sensíveis, especialmente nas trilhas com declividade acentuada, foram instaladas estruturas físicas, como degraus de madeira e contenções laterais, que têm o objetivo de controlar a erosão do solo e preservar a integridade dos caminhos.
Equipamentos de monitoramento e fiscalização:	A unidade conta com bases para apoio às atividades de vigilância ambiental, incluindo pontos estratégicos para o monitoramento da fauna e flora, e para o controle de acesso e combate a infrações.
Instalações para pesquisa e educação ambiental:	São disponibilizados espaços para realização de pesquisas científicas e atividades educativas, incluindo áreas destinadas a programas de educação ambiental que envolvem escolas e comunidades locais.

Além disso, a manutenção constante dessas estruturas é fundamental para garantir a segurança dos visitantes e a proteção dos recursos naturais. A integração entre os aspectos físicos do manejo e as práticas de gestão ambiental contribui para a sustentabilidade da unidade, conciliando o uso público com a conservação.

As informações sobre a estrutura física de manejo são complementadas pelo Plano de Manejo oficial do parque e pelas observações realizadas durante as visitas técnicas, que evidenciam os desafios e avanços na manutenção e ampliação da infraestrutura necessária para o cumprimento dos objetivos da unidade de conservação.

5. CONCLUSÃO

A pesquisa, com o objetivo de identificar e mapear os atributos físicos, bióticos e socioculturais do Parque Nacional Serra de Itabaiana, demonstrou a complexidade e a relevância da unidade de conservação como um mosaico de paisagens naturais e culturais. Ao integrar dados secundários de estudos prévios com observações de campo e georreferenciamento, foi possível obter um panorama detalhado que reforça a importância do

parque não apenas para a conservação da biodiversidade, mas também como um espaço de memória, resistência e identidade cultural para as comunidades locais.

A identificação dos atributos físicos evidenciam o papel do PARNASI como reserva hídrica estratégica para Sergipe. O relevo acidentado e a diversidade geológica oferecem potencial para o geoturismo e a educação ambiental. Esses elementos não apenas moldam a paisagem, como também influenciam diretamente a distribuição da vegetação e da fauna.

Os atributos bióticos confirmam a relevância ecológica do parque como um ecótono entre a Mata Atlântica e a Caatinga, condição que favorece elevada diversidade de flora e fauna e demanda estratégias específicas de conservação, sobretudo em relação a espécies endêmicas e vulneráveis às pressões antrópicas (DANTAS; RIBEIRO, 2010). Entre os grupos da fauna, as aves merecem destaque por serem o mais estudado, com registros atualizados de espécies endêmicas e ameaçadas (SILVA et al., 2022). Também foram documentados mamíferos de médio e grande porte, como felinos, além de quirópteros, herpetofauna e invertebrados, que atuam como importantes bioindicadores da qualidade ambiental. Até o momento, não há registros consolidados de ictiofauna no parque, o que evidencia uma lacuna de pesquisa a ser explorada. A riqueza biológica do PARNASI reforça seu papel como área prioritária para a conservação dos biomas presentes no parque.

Por fim, com a análise dos atributos socioculturais, o trabalho evidenciou que o parque não é apenas um espaço de preservação ambiental, mas também um território carregado de significados históricos, religiosos e simbólicos. As lendas locais, como a do Carneiro de Ouro e o Poço das Moças, e práticas religiosas como a Via Sacra e as oferendas, conferem identidade e valor imaterial ao parque, reforçando a necessidade de uma gestão que considere o patrimônio cultural como parte integrante das estratégias de conservação. Segundo Costa (2014), o reconhecimento e a valorização do patrimônio imaterial são fundamentais para promover uma gestão mais inclusiva e culturalmente sensível nas unidades de conservação.

A análise integrada desses atributos permitiu a identificação de áreas com elevado potencial para o uso público, incluindo atividades como trilhas, atividades de educação ambiental e turismo ecológico. No entanto, também foram identificadas zonas de fragilidade ambiental que requerem estratégias de controle e monitoramento, especialmente diante do aumento da visitação e da pressão antrópica em áreas sensíveis.

Portanto, conclui-se que a identificação e o mapeamento dos atributos do Parque Nacional Serra de Itabaiana são ferramentas fundamentais para o aprimoramento da gestão participativa da unidade, fortalecendo a interface entre natureza, cultura e sociedade. Ademais, recomenda-se que os dados gerados sejam utilizados para subsidiar ações de

planejamento territorial, zoneamento ecológico e políticas de valorização do patrimônio natural e imaterial

Em suma, a identificação dos atributos do Parque Nacional Serra de Itabaiana não apenas fortalece a base para o ordenamento do uso público, mas também evidencia a necessidade de estratégias de conservação mais eficazes e participativas, capazes de assegurar a proteção desse patrimônio para as gerações presentes e futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (Brasil). *Geoserviços ANA: Unidades de Conservação*. Brasília, 2019. Disponível em: <https://metadados.snirh.gov.br/geonetwork/srv/api/records/9407d38f-84d2-48ea-97dd-ee152c493043> . Acesso em: 9 jul. 2025.
- ALMEIDA, J. R.; COSTA, L. M., SANTOS, P. R. Padrões climáticos na Serra de Itabaiana. *Revista Brasileira de Climatologia*, Curitiba, v. 16, n. 3, p. 45-60, 2020.
- ALMEIDA, J. R.; SANTOS, L. P.; OLIVEIRA, M. F. Atributos socioculturais e sua relevância para a gestão de unidades de conservação. *Revista Brasileira de Conservação*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 78-92, 2016.
- ALMEIDA, M. W. B.; SANTOS, R. F.; SOUZA, M. J. P. Valores socioculturais em unidades de conservação: uma abordagem integrada. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 88-105, 2016.
- ALMEIDA, T. FABRICANTE, J. R. Macrófitas aquáticas do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil. *Revista de Ciências Ambientais*, Canoas, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2021.
- ARAUJO, K. C. T.; FABRICANTE, J. R. Invasão Biológica no Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil. *Revista de Ciências Ambientais*, Canoas, v. 14, n. 2, 2020.
- ARAUJO, K. C. T.; SANTOS, J. L.; FABRICANTES, J. R. Epífitas vasculares do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil. *Revista Biotemas*, v. 32, n. 1, p. 22-27, 2019.
- AZAMBUJA, R. N. et al. Mapeamento geomorfológico de detalhe do parque nacional da serra de Itabaiana - SE. In: XII Simpósio Nacional de Geomorfologia, Sinageo: *Paisagem e Geodiversidade*, Juiz de Fora, 2018.
- BISPO, J. de A. *Itabaiana, nosso lugar. Quatro séculos depois*. Aracaju: Infographics, 2013. 268 p.
- BRASIL. Decreto n/s, de 15 de junho de 2005. Plano de Manejo do Parque Nacional da Serra de Itabaiana, Sergipe. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 18 jul. 2000.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o art. 225, §1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC) e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 19 jul. 2000.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2016.

CARREGOSA, T.; COSTA, S. M. Ampliação da distribuição geográfica de três espécies de Utricularia (Lentibulariaceae) para o bioma Mata Atlântica. *Rodriguésia*, v. 65, n. 2, p. 563-565, 2014.

CARVALHO, C. M; VILLAR, J. C. de; OLIVEIRA, F. F. Répteis e Anfíbios In: *Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota*. Aracaju: IBAMA, Biologia Geral e Experimental, UFS, 2005. p. 1-131.

COSTA, A.; LIMA, R. Conservação da fauna silvestre no Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Revista Brasileira de Ecologia*, v. 28, n. 2, p. 45-60, 2022.

COSTA, C. C. M. *Análise da aptidão para o turismo de base comunitária no entorno do Parque Nacional Serra de Itabaiana*. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

COSTA, C. C. Parque Nacional Serra de Itabaiana - SE: realidade e gestão. *Revista Monografias Ambientais*, Santa Maria, v. 13, n. 5, p 3933-3951, dez. 2014.

COSTA, C. C. *Parque Nacional Serra de Itabaiana - SE: realidade e gestão*. Instituto Socioambiental, 2014. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/arp/2334>. Acesso em: 25 mar. 2025.

CUNHA, M. C. da. Especial 130 anos: Itabaiana e suas lendas: Santo Antônio Fúja, Carneirinho de Ouro e Poço das Moças. *Inet Portal*, Itabaiana, 2018. Disponível em: https://www.itnet.com.br/noticia/especial-130-anos-itabaiana-e-suas-lendas-santo-antonio-fuja-o-carneirinho-de-ouro-e-poco-das-mocas?utm_source=chatgpt.com. Acesso em 9 jul. 2025.

CUNHA, R. D. S. da. *Unidades de conservação: Parque Nacional Serra de Itabaiana sob enfoque jurídico*. 2008. 79 p. Monografia (Especialização em Direito Ambiental) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

DANTAS, T. V. P. et al. Florística e estrutura da vegetação arbustivo-arbórea das Areias Brancas do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, v. 33, n. 4, p. 575-588, set. 2010.

DANTAS, T. V. P.; RIBEIRO, A. S. Caracterização da vegetação do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe-Brasil. *Biotemas*, v. 23, n. 4, p. 9-18, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2010v23n4p9>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DANTAS, T. V. P. *Parque Nacional Serra de Itabaiana: Caracterização, Estrutura e Conservação da Vegetação*. São Cristóvão: UFS, 2008. 94p.

DICIO. Dicionário Online de Português. *Atributos*. [S. I.], 2025. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/atributos/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DIEGUES, A. C. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 2000.

DRUMMOND, J. A. A criação de parques nacionais no Brasil. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, p. 177-194, 1997.

D'HORTA, F. M.; GOUVEIA, S.; ROCHA, P. A. Aves. In: CARVALHO, C. M.; VILLAR, J. C. (Org.). *Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento Biota*. Aracaju: IBAMA, Biologia Geral e Experimental, UFS, 2005. p. 63-76.

FERREIRA, M. A educação ambiental como ferramenta de preservação no Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Estudos Ambientais*, v. 15, n. 3, p. 75-89, 2020.

FERREIRA, E. V. R.; PRATA, A. P. N.; MELLO, A. A. Floristic list from a Caatinga remnant in Poço Verde, Sergipe, Brazil. *Check List*, v. 9, n. 6, p. 1354-1360, 2013.

FERREIRA, R. L. *Parques Nacionais e sustentabilidade: desafios e perspectivas para o Brasil*. Brasília: Editora Ambiental, 2021.

FERRARI, S. F. Parque Nacional Serra de Itabaiana: O futuro. In: CARVALHO, C. M.; VILLAR, J. C. (Org.). *Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento Biota*. Aracaju: IBAMA, Biologia Geral e Experimental, UFS, 2005. p. 121-131.

FIGUEIREDO, A.; SOUZA, J. Conflitos socioambientais em áreas protegidas: o caso do Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas*, v. 11, n. 19, p. 113-127, 2014.

FRANCO, L. D. Parque Nacional Lagoa do Peixe: criação e uso público dos parques nacionais e a lei n. 9.985/2000 que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação. *Prismas: Direito, Políticas Públicas e Mundialização*, Brasília-DF, v. 7, n. 2, p. 265–89, jul./dez. 2010.

GIULIETTI, A. M. et al. Biodiversidade e conservação das plantas no Brasil. *Megadiversidade*, v. 1, n. 1, p. 52-61, 2005.

ICMBio. *Diretrizes para o uso público em unidades de conservação federais*. Brasília: ICMBio, 2020.

ICMBio. *Plano de Manejo do Parque Nacional Serra de Itabaiana*. Brasília: ICMBio, 2016. 182 p.

CRISTINA, T. *133 anos de cidade: Itabaiana e suas lendas – Santo Antônio Fújão, Carneirinho de Ouro e Poço das Moças*. ITNET. Itabaiana, 2021. Disponível em: <https://www.itnet.com.br/noticia/133-anos-de-cidade-itabaiana-e-suas-lendas--santo-antonio-fujao-carneirinho-de-ouro-e-poco-das-mocas>. Acesso em: 9 jul. 2025.

JULIÃO, A. DNA histórico e de populações atuais revela que espécies de rã-foguete são pelo menos 12, três já extintas. *Agência FAPESP*, 18 jun. 2025. Disponível em: <https://ods.fapesp.br/dna-historico-e-de-populacoes-atuais-revela-que-especies-de-ra-foguete-sao-pelo-menos-12-tres-ja-extintas/12531>. Acesso em: 29 ago. 2025.

LANDIM, M. F et al. Floristic characterization of an Atlantic Rainforest remnant in Southern Sergipe: Crasto Forest. *Biota Neotropica*, v. 15, n. 1, p. 1-16, 2015.

LIMA, J. O. et al. Reptiles of Sergipe: current knowledge and sampling discontinuities. *Herpetology Notes*, v. 15, p. 69-78, 2022.

- MACIEL, J. R.; ALVES, M. A família Poaceae na Serra de Itabaiana, Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe-Brasil. *Revista Caatinga*, v. 24, n. 3, p. 85-93, 2011.
- MACHADO, W. J.; PRATA, A. P. N.; MELLO, A. A. Floristic composition in areas of Caatinga and Brejo de Altitude in Sergipe state, Brazil. *Checklist*, v. 8, n. 6, p. 1089-1101, 2012.
- MACIEL, J. R. Poaceae I: Paspalum (p. 510-521). In: Prata A.P.N., Amaral, M.C.E., Farias M.C. & Alves M.V. (Orgs). *Flora de Sergipe*. Volume 1. Aracaju: Gráfica e Editora Triunfo, 2013. 717 p.
- MEDEIROS, R.; YOUNG, C. E. F. *Contribuição das unidades de conservação brasileiras para a economia nacional*. Relatório Final. Brasília: UNEP-WCMC, 2011. 120 p.
- MELO, B. A. de. *Derivações antropogênicas no padrão fitofisionômico do Parque Nacional Serra de Itabaiana - Sergipe*. 2022. 63 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2022.
- MELO, T. P.; FERNANDES H. C. Educação ambiental em parques nacionais: um estudo sobre a participação social. *Revista de Gestão Ambiental*, v. 17, n. 1, p. 34-50, 2019.
- Mendes, K.; GOMES, P.; ALVES, M. Inventário florístico de uma área de tensão ecológica na Mata Atlântica do Nordeste do Brasil. *Rodriguésia*, v. 61, n. 4, p. 669-676, 2010.
- MENDES, L. et al. Ecótonos e biodiversidade no Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Revista de Biogeografia*, v. 12, n. 1, p. 23-38, 2021.
- MENEZES, L. C. de. *Uso sustentável da serra de Itabaiana: preservação ou ecoturismo?* 2004. 194 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.
- MENEZES, W. *Lendas e Imaginário da Serra de Itabaiana*. Blogspot, 2011. Disponível em: <http://culturaitabaiana.blogspot.com.br/2011/09/lendas-e-imaginario-da-serra-de.html>. Acesso em: 9 jul. 2025.
- MICHELETTE, E. R. de F. Distribuição Local das Abelhas. In: CARVALHO, C. M.; VILLAR, J. C. (Org.). *Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento Biota*. Aracaju: IBAMA, Biologia Geral e Experimental, UFS, 2005. p. 1-131.

MMA. Ministério do Meio Ambiente. *Unidades de Conservação: estratégia para a conservação da biodiversidade*. Brasília: MMA, 2018.

MOURA, J. B. *A intertextualidade, o gênero lenda e a produção de texto no ensino fundamental*. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, SE, 2015.

MONTEIRO, S. H. N. et al. (2013). Orchidaceae (p. 431–490). In: Prata A.P.N., Amaral M.C.E., Faria M.C. & Alves M.V. (Orgs). *Flora de Sergipe*. Volume 1. Aracaju: Gráfica e Editora Triunfo, 2013. 717 p.

NASCIMENTO, R. S., et al. A lenda do Poço da Moça: O imaginário da comunidade remanescente de Quilombo Ramal do Bacuri e seus reflexos no turismo. *Revista Terceira Imagem*, v. 2, n. 8, 2017.

NOVAIS, G. S.; MENDES, S. O.; DE MORAIS, E. M. B. O ensino de relevo no Simpósio de Geografia Física Aplicada (SBGFA). In. XVII Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 2017, Campinas. *Anais [...]*. Campinas: SBGFA, 2017, v. 1, p. 3546-3635.

OLIVEIRA, F. F. ; FERRARI, S. F. SILVA, S. D. B. da. Mamíferos Não-Voadores. In: CARVALHO, C. M.; VILLAR, J. C. (Org.). *Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota*. Aracaju, IBAMA, Biologia Geral e Experimental; UFS, 2005. p. 1-131.

OLIVEIRA, E. V. S. et al. Floristic survey of the Mata do Junco Wildlife Refuge, Capela, Sergipe State, Brazil. *Hoehnea*, v. 43, n. 4, p. 645-667, 2016.

OLIVEIRA, J. E. S. de. *Rezadeiras de Itabaiana/SE : entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura*. 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

PARNA. *Serra de Itabaiana*. Prefeitura Municipal de Itabaiana, 2018. Disponível em: <<https://itabaiana.se.gov.br/turismo/1/parque-nacional-serra-de-itabaiana>>. Acesso em: 25 mar. 2025.

PEREIRA, A. L.; SANTOS, D. C. Gestão integrada de atributos naturais e socioculturais em áreas protegidas. *Revista de Planejamento Territorial*, v. 19, n. 3, p. 45-20, 2022.

- PEREIRA, J.; SOUZA, F. Influência climática na vegetação e fauna do Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Climatologia Aplicada*, v. 8, n. 4, p. 100-115, 2019.
- PEREIRA, M. C.; ALVES, F. M.; BARROS, S. R. Fauna ameaçada no Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Biota Neotropica*, Campinas, v. 16, n. 4, p. 99-115, 2016.
- PREFEITURA DE ITABAIANA. *Relato sobre o Poço das Moças e suas versões lendárias*. Itabaiana, 2021. Disponível em: <https://itabaiana.se.gov.br/turismo/2/poco-das-mocas>. Acesso em: 9 jul. 2025.
- PRIMACK, R. B.; RODRIGUES, E. *Biologia da Conservação*. Londrina: Editora Planta, 2001.
- QUEIROZ, L.P. *Leguminosas da Caatinga. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana*. 2009. 913 p.
- REIS, D. O. *Aspectos da florística e fitossociologia do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil*. 2019. 25 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.
- RENATA, N. A.; LIMA, A. H. de S. Geoprocessamento aplicado: análise morfométrica e caracterização da paisagem da Serra de Itabaiana - SE. In: XII Simpósio Nacional de Geomorfologia. Siganeo: *Paisagem e Geodiversidade*. Juiz de Fora, 2018.
- RODRIGUES, M. V. *Caracterização dos atributos ambientais em unidades de conservação brasileiras*. São Paulo: Editora Universitária, 2015.
- SANTANA, V. B. *Serra de Itabaiana: das brumas do imaginário acerca do invisível*. 2002. 120 f. Dissertação (Desenvolvimento e Meio Ambiente). UFS/NESA, São Cristóvão, 2002.
- SANTOS, A. et al. Diversidade florística e fitossociologia em áreas de campo rupestre no Parque Nacional Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 1-12, 2019.
- SANTOS, C.; ALMEIDA, T. Uso sustentável e turismo ecológico no Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Turismo e Sustentabilidade*, v. 6, n. 2, p. 55-70, 2017.
- SANTOS, E. J. et al. Levantamento florístico da Serra de Itabaiana. *Revista Brasileira de Botânica*, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 230-245, 2018.

SANTOS, J. D. da C. et al. Contribuições do mapeamento geomorfológico para análise integrada da paisagem do Parque Nacional Serra de Itabaiana e identificação de espaços de acomodação de sedimentos na encosta e barlavento. *Revista Contexto Geográfico*, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 31-43, 2021. DOI: 10.28998/contegeo.611.12059.

SANTOS, V. C. E. dos. *Potencialidade ecoturística do Parque Nacional Serra de Itabaiana, Estado de Sergipe*. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SILVA, R. et al. Aspectos geológicos e hidrológicos do Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Geociências Brasileiras*, v. 14, n. 2, p. 30-48, 2020.

SILVA, C. et al. (2022). Avifauna of the Serra de Itabaiana National Park revisited: additions and deletions in a period of 15 years . *Acta Scientiarum. Biological Sciences*, v. 44, n. 1, 2022.

SILVA, C. R. et al. Começo de tudo. In: WINGE, M. et al. (Org.). *Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, entender o presente e prever o futuro*. Rio de Janeiro: CPRM, 2008. Cap. 1, p. 12-50.

SILVA, T. A.; FERREIRA, V. P. Ecossistemas da Serra de Itabaiana: uma abordagem ecológica. *Ecologia e Conservação*, v. 12, n. 1, p. 85-102, 2017.

SILVA, A. C. C. et al. Flowering plants of the Grota do Angico Natural Monument, Caatinga of Sergipe, Brazil. *Check List*, v. 9, n. 4, p. 733-739, 2013.

SILVA, F. O. da. *Leucaena leucocephala (Lam.) de Wit: impactos sobre a vegetação nativa do Parque Nacional da Serra de Itabaiana, Sergipe e modelagem de nicho climático*. 2022. 98 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Naturais) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2022.

SILVA, A. C. da. C. Lista atualizada da flora vascular do Parque Nacional (PARNA) Serra de Itabaiana, Sergipe, Brasil. *Pesquisa e Ensino em Ciências Exatas e da Natureza*, v. 3, n. 1, 2019.

SILVA, M. Patrimônio arqueológico e histórico-cultural do Parque Nacional Serra de Itabaiana: uma análise preliminar. In: XV Congresso Brasileiro de Arqueologia, 2020. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: SBP, 2020. p. 234-245.

SILVA, T. H. C. et al. Para além do papel: estudos das unidades de conservação brasileiras. *Interações*, Campo Grande, v. 25, n. 2, e2523777, abr./jun. 2024.

SILVA, T. L. da. *Tropidurus hygomi* e *Melocactus violaceus* subsp. *margaritaceus*: sauracoria envolvendo duas espécies ameaçadas de extinção da restinga - Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Naturais) – Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana, 2022.

SILVEIRA, L. B.; LOPEZ, F. H. A biodiversidade e sua proteção em parques nacionais: desafios e estratégias. *Revista Brasileira de Ecologia*, v. 25, n. 4, p. 67-83, 2020

SILVEIRA, M. S.; MENDONÇA, M. da C. Diversidade de Abelhas In: (CARVALHO, C. M.; VILLAR, J. C. (Org.). *Parque Nacional Serra de Itabaiana - Levantamento da Biota*. Aracaju, IBAMA, Biologia Geral e Experimental - UFS, 2005. p. 1-131.

SNUC. *Sistema Nacional de Unidades de Conservação*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; IBAMA, 2000, 14p.

SOBRAL, I. S.; et al. Avaliação dos impactos ambientais no Parque Nacional Serra de Itabaiana - SE. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 8, n. 24, p. 102–110, 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15713>. Acesso em: 14 mar. 2025.

SOUZA, A. P.; MENDES, C. L.; OLIVEIRA, D. S. Caracterização geológica e geomorfológica da Serra de Itabaiana. *Geociências*, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 150-170, 2019.

SOUZA-ALVES, J.P., BARBOSA, M.R.V., FERRARI, S.F.; THOMAS, W.W. Diversity of trees and lianas in two sites in the Coastal Atlantic Forest of Sergipe, Northeastern Brazil. *Checklist*, v. 10, n. 4, p. 709-717, 2014.

SOUZA, C. W. S. *Entre a “malhada e o parque”: uma análise sobre o povoado Bom Jardim e o Parque Nacional Serra de Itabaiana - SE*. 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SOUZA, I. A. *O Parque Nacional Serra de Itabaiana e a relação socioambiental com os moradores do entorno*. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

TELES, H. F. *Bioindicadores e parâmetros abióticos dos recursos hídricos da Serra de Itabaiana - Sergipe*. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

TELES, H. F. et al. Macroinvertebrados bentônicos como bioindicadores da qualidade da água no Parque Nacional Serra de Itabaiana. *Revista Brasileira de Zoociências*, v. 15, n. 1-2, p. 35-42, 2013.

VICENTE, A. *Levantamento florístico de um fragmento florestal na Serra de Itabaiana - Sergipe*. 1999. 120 f. Dissertação (Mestrado em Biologia) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1999.

ANEXO A

Anexo A - Lista da flora ameaçadas/endêmicas/ocorrência/observações

Grupo Taxonômico	Espécie	Nome comum	Categoria	Observações (Endêmica/Rara/Destaque)
	<i>Cryptanthus zonatus</i>	Bromélia	Vulnerável (VU)	Bromélia terrestre de áreas de areias brancas, muito utilizada como ornamental. Ameaçada pela coleta.
	<i>Melocactus violaceus</i>	Cacto cabeça-de-frade	Vulnerável (VU)	Cacto endêmico do NE, reconhecido pelo cefálico vermelho. Considerado vulnerável à extinção devido a coleta ilegal.
	<i>Tetragastris occhionii</i>	-	Em Perigo (EN)	Espécie arbórea rara de Mata Atlântica, restrita a áreas de floresta estacional. Tem estado de conservação no PNSI.
	<i>Pouteria macahensis</i>	-	Em Perigo (EN)	Árvore frutífera nativa, típica da Mata Atlântica, ameaçada pela fragmentação.
	<i>Podocarpus sellowii</i>	Pinheiro-bravo	Criticamente Ameaçada (CR)	Conífera cuja ocorrência é rara no Nordeste e em Sergipe é considerada relicto e possui uma grande população no Parque.
	<i>Protium occhioni</i>	-	Em perigo (EN)	Árvore da família Burseraceae, típica de florestas estacionais da Mata Atlântica, usada tradicionalmente como medicinal
	<i>Cryptanthus sergipensis</i>	Criptanto-de-Sergipe	Vulnerável (VU)	Bromélia endêmica do Estado de Sergipe, associada a áreas de areias brancas e campos rupestres. Rara.
	<i>Ichthyothere connata</i>	-	Vulnerável (VU)	Considerada rara e endêmica da fitofisionomia herbácea-arbustiva.

Flora

<i>Chamaecrista cytisoides</i>	-	Vulnerável (VU)	Endêmica e rara. Encontrada em áreas de vegetação aberta no ecótono da serra
<i>Piriqueta dentata</i>	Piriqueta	Não listado	Considerada rara e exclusiva da fitofisionomia herbácea-arbustiva.
<i>Habenaria meeana</i>	Orquídea	Vulnerável (VU)	Espécie rara, restritas a colações pontuais na Bahia, Minas e Sergipe.
<i>Sobralia liliastrum</i>	Orquídea	Vulnerável (VU)	Endêmica ornamental, símbolo da antiga Estação Ecológica Itabaiana.
<i>Aspilia itabaianense</i>	-	Vulnerável (VU)	Endêmica de Sergipe, ocorrência exclusiva no PARNASI.
<i>Annona salzmännii</i>	Araticum-da-praia	Vulnerável (VU)	Endêmica da Mata Atlântica. Árvore frutífera nativa, restrita ao Nordeste, usada para alimentação e com potencial medicinal.
<i>Paspalum scutatum</i>	-	Vulnerável (VU)	Endêmica da Caatinga. Gramínea restrita ao semiárido, registrada no ecótono do parque.
<i>Byrsonima bahiana</i>	Murici-da-Bahia	Quase ameaçada (NT)	Espécie endêmica do NE. Árvore frutífera, importante para fauna frugívora.
<i>Cissus pinnatifolia</i>	Trepadeira	Pouco preocupante (LC)	Espécie rara, com ocorrência restrita ao PARNASI.
<i>Spermocoe decipiens</i>	-	Pouco preocupante (LC)	Espécie arbórea rara, registrada em ambientes abertos do parque.

<i>Lantana gracilis</i>	Cambará	Pouco preocupante (LC)	Espécie rara de ocorrência restrita; sensível à fragmentação.
<i>Habenaria parviflora</i>	Orquídea	Pouco preocupante (LC)	Espécie de ocorrência exclusiva do PARNASI.
<i>Catasetum uncatum</i>	Orquídea	Quase ameaçada (NT)	Espécie com registros raros no Nordeste.
<i>Hancornia speciosa</i>	Mangabeira	Vulnerável (VU)	Espécie frutífera nativa, símbolo de Sergipe; sofre pressão de corte ilegal.
<i>Jacquinella globosa</i>	Orquídea	Vulnerável (VU)	Espécie de orquídea endêmica do PARNASI.
<i>Griffinia espiritensis</i>	Carícia	Em perigo (EN)	Espécie ornamental rara, com ocorrência restrita.
<i>Monteverdia opaca</i>	Espinheira-santa	Pouco preocupante (LC)	Espécie arbustiva rara da Serra de Itabaiana.
<i>Blepharodon costae</i>	-	Pouco preocupante (LC)	Endêmica da Mata Atlântica.
<i>Byrsonima bahiana</i>	Murici-da-bahia	Quase ameaçada (NT)	Espécie endêmica do Nordeste.
<i>Cedrela odorata</i>	Cedro-cheiroso	Vulnerável (VU)	Árvore de alto valor econômico, muito explorada.
<i>Kielmeyera argentea</i>	Pau-santo	Pouco preocupante (LC)	Endêmica da Mata Atlântica.
<i>Croton grewioides</i>	Alecrim-de-cabocla alecrim-de-negro	ou Pouco preocupante (LC)	Endêmica da Caatinga. Arbusto exclusivo do semiárido brasileiro.

<i>Ruellia asperula</i>	Melosa	Pouco preocupante (LC)	Endêmica da Caatinga e de florestas estacionais decíduas. Associada a ambientes secos.
<i>Allagoptera brevicalyx</i>	Caxulé ou caxondó	Vulnerável (VU)	Endêmica de restinga, sendo encontrada principalmente no litoral do Nordeste do Brasil, em particular na Bahia e em Sergipe. Palmeira rara.
<i>Liparis vexillifera</i>	-	Pouco preocupante (LC)	Espécie de orquídea endêmica do PARNASI, com distribuição extremamente restrita.
<i>Utricularia costata</i>	-	Pouco preocupante (LC)	Planta aquática carnívora, registrada pela primeira vez no Nordeste no PARNASI.
<i>Chamaecrista cytisoides</i>	-	Vulnerável (VU)	Espécie rara.
<i>Verroria jahnstoniana</i>	-	Vulnerável (VU)	Nova espécie descrita para a ciência; descoberta no PARNASI; exclusiva de Sergipe.

ANEXO B

Anexo B - Lista da fauna ameaçadas/endêmicas/ocorrência/observações

Grupo Taxonômico	Espécie	Nome comum	Categoria de ameaça	Observações (Endêmica/Rara/Destaque)
	<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba	Criticamente em Perigo (CR)	Espécie ameaçada com ocorrência confirmada no PARNASI, é ameaçada pela caça e perda de habitat.

<i>Myrmotherula axillaris</i>	Choquinha-de-flocos-brancos	Pouco preocupante (LC)	Espécie amazônica com novo registro no parque, ocorrência rara.
<i>Ortalis guttata</i>	Aracuã-pintado	Criticamente em Perigo (CR)	Endêmica da Mata Atlântica; pressão por caça.
<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucututu	Vulnerável (VU)	Coruja de grande porte; associada a florestas conservadas.
<i>Ramphastos vitellinus</i>	Tucano-de-bico-preto	Vulnerável (VU)	Dispersor de sementes; alvo de caça e tráfico.
<i>Herpsilochmus pectoralis</i>	Chorozinho-de-peito-preto	Vulnerável (VU)	Espécie endêmica da Caatinga; sensível à fragmentação.
<i>Thamnophilus caerulescens</i>	Choca-da-mata	Vulnerável (VU)	Associada a matas de altitude, sensível à perda de habitat.
<i>Pyriglena atra</i>	Papa-taoca-da-bahia	Em perigo (EN)	Endêmica da Mata Atlântica; ameaçada por desmatamento.
<i>Xenops minutus</i>	Bico-virado-miúdo	Vulnerável (VU)	Afetado pela fragmentação.
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho	Vulnerável (VU)	Associado a florestas úmidas, ameaçado regionalmente.
<i>Spinus yarrellii</i>	Pintassilgo-do-nordeste	Vulnerável (VU)	Endêmica da Caatinga, ameaçadas pelo tráfico.
<i>Picumnus pygmaeus</i>	Picapauzinho-pintado	Vulnerável (VU)	Espécie endêmica da Caatinga, restrita ao semiárido; rara.
<i>Pseudoseisura cristata</i>	Casaca-de-couro	Pouco preocupante	Espécie endêmica da Caatinga; adaptado a áreas abertas.

**Avifauna
(Aves)**

<i>Icterus jamaicii</i>	Corrupião	Vulnerável (VU)	Espécie endêmica da Caatinga; muito visado pelo tráfico.
<i>Agelaioides fringillarius</i>	Asa-de-telha-pálido	Pouco preocupante	Espécie endêmica da Caatinga. Vive em grupos; encontradas em clareiras e bordas.
<i>Paroaria dominicana</i>	Cardeal-do-nordeste	Vulnerável (VU)	Espécie endêmica do NE. Popular como ave de gaiola; ameaçada pelo tráfico.
<i>Sporophila albogularis</i>	Golinho	Ameaçado	Espécie endêmica da Caatinga. Muito capturado ilegalmente; em declínio.
<i>Cathartes burrovianus</i>	Urubu-de-cabeça-amarela	Pouco preocupante	Espécie endêmica da Mata Atlântica. Espécie rara, a ocorrência indica boa conservação.
<i>Thalurania glaucopis</i>	Beija-flor-de-fronte-violeta	Vulnerável (VU)	Espécie endêmica da Mata Atlântica. Frequente em florestas úmidas.
<i>Myiornis auricularis</i>	Miudinho	Pouco preocupante	Espécie endêmica da Mata Atlântica.
<i>Hemitriccus nidipendulus</i>	Tachuri-campainha	Pouco preocupante	Espécie endêmica da Mata Atlântica.
<i>Hylophilus amaurocephalus</i>	Vite-vite-de-olho-cinza	Pouco preocupante	Espécie endêmica da Mata Atlântica.
<i>Penelope jacucaca</i>	Jacucaca	Vulnerável	Endêmica da Caatinga e ocorrência confirmada no PARNASI
<i>Ortalis guttata</i>	Aracuã	Criticamente em Perigo	Não há uma classificação explícita da IUCN para ela nos dados fornecidos

<i>Pulsatrix perspicillata</i>	Murucututu	Vulnerável	Não são fornecidos detalhes descritivos sobre o murucututu além de sua classificação de ameaça e presença no PNS
<i>Thalurania watertonii</i>	Beija-flor-de-costas-violetas	Em Perigo (EN)	Endêmico da Mata Atlântica nordestina, encontrado em florestas úmidas nos estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Vulnerável ao desmatamento.
<i>Ramphastos vitellinus</i>	Tucano-de-bico-preto	Vulnerável (VU)	Comum na copa de florestas úmidas, tanto em seu interior quanto nas bordas, e em capoeiras altas. Importante dispersora de sementes; alvo de caça ilegal.
<i>Herpsilochmus pectoralis</i>	Chorozinho-de-papo-preto	Não listado	Espécie endêmica da Caatinga. Observada em Sergipe desde 1991.
<i>Pyriglena atra</i>	Papa-taoca-da-bahia	Em Perigo	Endêmico das poucas matas situadas desde o Rio Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, ao longo do litoral norte da Bahia até o Estado de Sergipe.
<i>Platyrinchus mystaceus</i>	Patinho	Vulnerável	É comum no sub-bosque de capoeiras altas e de florestas úmidas em montanhas, às vezes em emaranhados de bambus e cipós na borda da floresta.
<i>Spinus yarrellii</i>	Pintassilgo-do-nordeste	Vulnerável	Espécie endêmica do NE.
<i>Thalurania watertonii</i>	Em perigo	Não listado	Espécie endêmica da Caatinga.
<i>Nyctibius grandis</i>	Urutu-gigante	Vulnerável (VU)	Novo registro para Sergipe
<i>Porphyrospiza caerulescens</i>	Campainha-azul	Quase ameaçada (NT)	Pássaro endêmico do Cerrado, encontrado no ecótono da serra.

	<i>Penelope superciliaris</i>	Jacupemba	Criticamente em perigo (CR)	Frugívora, importante dispersora; caçada intensivamente.
	<i>Asio stygius</i>	Coruja-diabo	Vulnerável (VU)	Novo registro para Sergipe.
Mastofauna (Mamíferos)	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>	Tapiti	Pouco preocupante (LC)	Coelho silvestre.
	<i>Callithrix jacchus</i>	Sagui-de-tufo-branco	Pouco preocupante (LC)	Primata comum; adaptado a ambientes antropizados.
	<i>Cuniculus paca</i>	Paca	Pouco preocupante (LC)	Caça de subsistência ameaça populações.
	<i>Mazama sp.</i>	Veado	Dados insuficientes	Registros poucos confirmados
	<i>Cerdocyon thous</i>	Raposa-do-campo	Pouco preocupante (LC)	Tolera áreas alteradas.
	<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato-do-mato	Ameaçado	Espécie felídea de raridade; considerado um animal de topo de cadeia; felino de pequeno porte; sofre com caça e fragmentação.
	<i>Tolypeutes tricinctus</i>	Tatu-bola	Vulnerável (VU)	Único tatu capaz de se enrolar completamente; alvo de caça
	<i>Chaetomys subspinosus</i>	Ouriço-preto	Vulnerável (VU)	Roedor arborícola da Mata Atlântica; ameaçado por perda de habitat
	<i>Callicebus coimbrai</i>	Guigó-de-Sergipe	Criticamente em perigo (CR)	Primata endêmico de Sergipe e norte da Bahia; altamente vulnerável ao desmatamento.

Herpetofauna (Répteis e anfíbios)	<i>Sapajus xanthosternos</i>	Macaco-prego-do-peito-amarelo	Criticamente ameaçado (CR)	Primata frugívoro endêmico da Mata Atlântica nordestina; ameaça devido ao severo declínio populacional por perda de habitat.
	<i>Bradypus torquatus</i>	Preguiça-de-coleira	Vulnerável (VU)	As principais ameaças incluem pressão sobre habitats; caça de subsistência e atropelamentos.
	<i>Allobates olfersioides</i>	Sapinho-foguete	Vulnerável (VU)	População em declínio.
	<i>Ameivula abaetensis</i>	Lagartinho-de-abaeté	Em Perigo (EN)	Indivíduos no PNSI apresentam características distintas da espécie descrita. Há ambientes de restinga.
	<i>Corythomantis greeningi</i>	Perereca-de-capacete	Pouco preocupante (LC)	Ocorrência na Caatinga.
	<i>Phyllomedusa bahiana</i>	Perereca-de-folhagem	Deficiência de dados (IUCN)	Endêmica da Bahia e Sergipe.
	<i>Leptodactylus troglodytes</i>	Rã-cavadeira	Pouco preocupante (LC)	Ocorrência na Caatinga e na Mata Atlântica. Associadas a áreas rochosas.
	<i>Pleurodema diplolistris</i>	Rã-da-caatinga	Pouco preocupante (LC)	Endêmica do NE; vive em poças temporárias.
	<i>Physalaemus albifrons</i>	Rãzinha-choradeira	Pouco preocupante (LC)	Endêmica do NE; adaptado a ambientes abertos.
	<i>Coleodactylus meridionalis</i>	Lagartinho	Pouco preocupante (LC)	Ocorrência na Caatinga e na Mata Atlântica. Muito pequeno; vive em áreas abertas.

	<i>Micrurus ibiboboca</i>	Cobra-coral-da-caatinga	Pouco preocupante (LC)	Venenosa; ocorre em áreas secas.
	<i>Bothrops leucurus</i>	Jararaca-da-malha-de-sapo	Pouco preocupante (LC)	Venenosa; típica do NE.
	<i>Tropidurus semitaeniatus</i>	Calango	Pouco preocupante (LC)	Associado a áreas abertas e rochosas.
	<i>Chelonoidis</i>	Jabuti-piranga	Vulnerável (VU)	Muito capturado.
	<i>Tropidurus hygomi</i>	Lagartixa-de-hygomi	Vulnerável (VU)	Lagarto endêmico de restingas e campos rupestres; sofre pressão por fragmentação.
	<i>Glaucomastix itabaianensis</i>	Calango-de-Itabaiana	Ameaçado	Endêmico do PARNASI. Lagarto descrito para a Serra de Itabaiana; risco pela perda de hábitat.
	<i>Acratosaura mentalis</i>	Lagartinho-do-folhço	Pouco preocupante (LC)	Endêmico do NE; novo registro no PARNASI.
Morcegos (16 spp.)	-	-	Diversas categorias	16 espécies não detalhadas, frugívoras e nectarívoros predominam.
Abelhas (38 spp.)	-	Diversas	Pouco avaliadas	Pelo menos 38 espécies identificadas até o nível de gênero. Diversidade significativa; polinizadores nativos.
	<i>Apis mellifera</i>	Abelha europeia	Exótica invasora	Competição com espécies nativas.

